

Espaços De Comunicação Intercultural

**Spaces Of Intercultural Communication*

Rico Lie*

Tradução: Paulo Celso da Silva**

* Wageningen University Social Sciences, Holland

** Doutor em Geografia pela USP – Universidade de São Paulo. Professor titular da Universidade de Sorocaba e coordenador do programa de mestrado em comunicação e cultura da mesma instituição. Sorocaba. SP. Brasil. E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

Resumo: Este trabalho realiza uma exploração tanto teórica quanto prática dos denominados “espaços liminal e liminoid de comunicação intercultural”. Tais espaços de comunicação são zonas onde aparece o contacto intercultural entre os âmbitos global e o local. Em concreto, neste paper analisam-se as zonas em estados de coexistência cultural, negociação intercultural, espaços num estado de transformação intercultural (transculturalidade hibridizada). Tomando a teoria da liminalidade (liminality) de Víctor Turner como ponto de partida, exploram-se os aspectos liminal e liminoid da globalização e a localização das identidades culturais, especialmente nas denominadas “cidades globais”. Como exemplos são utilizados alguns espaços de comunicação intercultural em Bruxelas analisados de modo descritivo. Ao tratar sobre estes espaços públicos e privados, o autor serve-se de orientações teóricas interdisciplinares em antropologia social, estudos de comunicação, estudos culturais e geografia cultural.

Introdução

"Todas as pessoas estão em certa medida, permanentemente em trânsito... Não tanto 'de onde vens?', senão 'onde estás?' (The intercultural *identity question*.)". (CLIFFORD, 1992, p. 109).

A comunicação entre culturas (em todas as suas manifestações) experimenta um crescimento. Esta realidade é motivo de satisfação, já que aprendemos e entramos em contato com outras culturas. Conhecemos sobre o que antes nos era desconhecido. Aprendemos a tolerar, aceitar, respeitar e desfrutar da diferença. Adquirimos conhecimentos sobre outros, mas também sobre nós mesmos. Descobrimos que as coisas podem ser feitas de maneira totalmente diferente da forma como estamos habituados e que essas outras maneiras são tão normais para os outros que as executam, quanto as nossas maneiras são para nós mesmos. Isso faz ampliar nossos olhares e é motivo de satisfação. No entanto, o aumento do ritmo e da intensidade dos intercâmbios culturais entre habitantes também gera preocupação.

Existe o medo de que essa diversidade tão rica se perca. Também havia o medo de que o âmbito global superasse o local e de que a cultura fosse homogênea e idêntica, quase sem exceções. Ainda que esse medo seja real, também é verdadeiro que outras pessoas dizem coisas como: "Sei que minha terra natal será diferente quando eu voltar, que terá se modernizado, mas sempre será minha terra. É o lugar onde cresci, aí estão minhas raízes. É lá onde posso me comportar como sou realmente. Lugar de onde venho e ao qual pertenço. O coração de nossa cultura." Ou, tal como se põe de manifesto na leitura com um enfoque inverso, de global a local, extraída da Constituição dos Estados Federados de Micronésia:

Nossas ilhas sustentam-nos, nossa nação-ilha fortalece-nos e nos expande. Quando nossos antepassados construíram suas casas, não expulsaram a ninguém de seu lar". Nós que seguimos aqui não desejamos mudar de morada... Micronésia nasceu nos tempos em que o homem explorava os mares em balsas e canoas. "A nação de Micronésia surge numa era em que o homem viajava entre as estrelas; nosso próprio mundo é uma ilha... (extrato do Preâmbulo à Constituição dos Estados Federados de Micronésia).

Esta paradoxal viagem desde o âmbito local ao global para retornar ao local é o tema deste trabalho. Está escrito com um espírito que flutua entre a alegria e a preocupação. Tenta explorar a teoria dos espaços específicos na qual se produz uma comunicação cada vez maior das culturas. O estudo situa a cultura entre o triângulo local-global-local. O presente escrito

ocupa-se dos espaços de comunicação interculturais, à medida que estes guardam relação com a globalização e localização de identidades. Começando pela teoria de Victor Turner com os conceitos liminal e liminoid nas sociedades denominadas "tribais" e "modernas", o texto aspira a uma aproximação com os espaços pós-modernos, nos quais o local coincide com o global, e o global com o local no jogo e a liminalidade. Aspira a explorar as particularidades pós-modernas destes espaços nos processos de globalização e localização da cultura e a comunicação. Os "espaços liminal e liminoid de comunicação intercultural" em Bruxelas e arredores tomam-se como exemplos de "experiências vividas de modernidade global", como Tomlinson (1999, p. 113) as denominam. Bruxelas é oficialmente uma cidade bilíngue.

(Não)-lugar e espaço de comunicação na Globalidade e Localidade

“O espaço é um lugar praticado”. (DE CERTEAU, 1984, p. 117).

Esta é uma citação bastante mencionada de De Certeau (publicada originalmente em francês em 1974). A citação prossegue com “Assim a rua definida geometricamente pelo planejamento urbano é transformada em um espaço pelos caminhantes” (DE CERTEAU, 1984, p. 117). De um modo interpretativo resume a diferença entre espaço (*ruimte* [em holandês] / *espace* [em francês]) e lugar (*plaats* [em holandês] / *lieu* [em francês]). Ou seja, o espaço é um lugar vivido, assim, através da (inter)ação e a comunicação, os lugares transformam-se em espaços de comunicação. Segundo De Certeau, os lugares são fixos e estáveis. As fronteiras dos lugares foram fixadas e podem ser determinadas de forma precisa. As fronteiras dos espaços são flexíveis e foram construídas de uma maneira simbólica, interpretativa. (COHEN, 1985). Assim, ‘caminhar pela cidade’ transforma o lugar em espaço. (DE CERTEAU, 1984, p. 91-110) Por outro lado, ‘assistir à televisão em casa’ pode, por exemplo, também ser visto como um lugar vivido ou praticado. Este não é somente o caso, porque a casa é um cenário geográfico definido, mas também porque o texto televisivo em si, nas palavras de De Certeau (DE CERTEAU, 1984, p. 117) é “um lugar constituído por um sistema de signos” é transformado em espaço, pelo ato de assistir. Estes espaços de comunicação criados pelos atos de consumo e interpretação podem ser geográficos e físicos, assim como não geográficos e não físicos.

Neste processo – e no contexto das sociedades que passam da modernidade para a pós-modernidade – os teóricos da ‘geografia humana e cultural’ estão aprofundando os estudos destes lugares vividos ou praticados. Nesse percurso, depara-se com o conceito de espaço e encontra-se o terreno comum com outros campos disciplinares, como a antropologia, comunicação e estudos culturais. (HARVEY, 1989; MASSEY; JESS, 1995; MORLEY; ROBINS, 1995; TOMLINSON, 1999; URRY, 1995).

A globalização e a localização estão vinculadas a estes espaços de comunicação de várias maneiras. Nestes espaços ocorre o contato intercultural entre global e o local. A ideia de Augé (1995) do ‘não-lugar’, como um conceito total aplicado ao contexto cultural do global-local, aproxima-se do que pretendo transmitir com a ideia de “espaços de comunicação liminal e liminoid”. Para Augé (1995),

Se um lugar pode ser definido como relacional, histórico e preocupado com a identidade, então um espaço que não podem ser definido como relacional ou histórico, ou relacionado com a identidade será um não-lugar (...) Um mundo no qual as pessoas nascem em clínicas e morrem em hospital, onde locais de trânsito e moradas transitórias estão proliferando sob luxuosas condições ou desumanas cadeias de hotéis, clubes de férias, campos de refugiados, favelas (...), onde uma densa rede de meios de transporte, que também são espaços inabitados, está se desenvolvendo; onde o frequentador de supermercados, máquinas caça-níqueis e cartões de crédito comunicam-se globalmente, através de gestos, em um comércio abstrato permanente; um mundo rendido à solitária individualidade, ao breve, ao temporário e ao efêmero, oferecem ao antropólogo (e outros) um novo objeto. (AUGÉ, 1995, p. 78; TOMLINSON, 1999, p. 109).

Exemplos dos “não-lugares supermodernos” citados por Augé (ibidem) são: sala de embarque dos aeroportos, supermercados, estradas e seus postos de serviço, caixas eletrônicas e trens de alta velocidade (TOMLINSON, 1999, p. 108-113). É exatamente nestes tipos de espaços que o global coincide com o local em situação de deslocamento e trânsito.

Os elementos culturais desterritorializados e reterritorializados coexistem e negociam a transformação em novas formas culturais híbridas. A história cultural autêntica – se existir – não parece ter grande relevância nestes lugares praticados. Os lugares parecem ser vividos de maneira transitória. A contribuição deste papel à ideia do ‘Não-lugar’ é, conseqüentemente, teórica e no caminho da análise. No nível prático, ele aponta mais ou menos para a mesma espécie de espaço de Augé. Com os conceitos de “liminal e liminoid” estou acentuando a posição intermediária dos espaços. Eles estão em um ponto intermediário entre o global e o local, guiando as observações do analista cultural em direção a

elementos/formas culturais relevantes nestes espaços específicos. Os espaços são chamados espaços da comunicação intercultural porque o foco está na interação (coexistência, negociação e transformação) entre os elementos/formas culturais. Percebido deste modo, esses Não-lugares podem ser estudados como 'as zonas onde se encontram os elementos globais e locais'. Eles parecem ser os espaços/esferas onde o global e o local devem ser transformados em interação.

As ideias relacionadas são desenvolvidas por Shields (1991) em seu livro *'Places on the Margin: Alternative Geographies of Modernity'*. Um exemplo de tal “não-lugar” ou “zona liminal”, como Shields (ibidem) o denomina, em um contexto global/local, é 'Rodeo Street' em Seul. Nesta etnografia breve, este autor descreve como os elementos culturais globais e locais são vividos de um modo integrado na situação específica de Seul. Este tipo de espaço pode ser encontrado ao redor de todo o mundo, embora, muitas vezes, não existam as etnografias específicas desses espaços. Além disso, Bhabha (1994) também aborda o “espaço liminal” em relação à “interculturalidade”. Diferentemente de Shields (1991), ele não explora a teoria de Turner da “liminality”, mas realmente abraça a ideia de espaço intermediário. Bhabha (1994) usa a escada como uma metáfora de liminalidade:

A escada como espaço liminal, entre as designações da identidade, converte-se em processo de interação simbólica, o tecido conectivo que constrói a diferença entre superior e inferior, preto e branco. O aqui e o acolá da escada, o movimento temporal e a passagem que ele permite, previnem a identidade de cada um dos seus extremos de instalar-se como polaridade primordial. Esta passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de uma hibridez cultural que abriga a diferença sem uma hierarquia assumida ou imposta. (BHABHA, 1994, p. 4).

O reconhecimento teórico do espaço dividido da enunciação pode abrir caminho para conceituar uma cultura internacional, que não está baseada no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação da hibridez de cultura. Com este fim, deveríamos nos lembrar, que é o prefixo 'inter' — o fio da tradução e negociação, o espaço intermediário — que transporta a carga da significação da cultura. (BHABHA, 1994, p. 38).

Antes de aprofundarmos a discussão da relação entre “interculturalidade”, comunicação e espaço, vamos primeiro examinar mais minuciosamente a teoria de Turner do "liminal" e o “liminoid”.

Que são espaços “liminal e liminoid”?

Em várias disciplinas, a questão da “liminality” foi novamente considerada como conceito de interesse no estudo com culturas em contato e culturas em constantes mudanças. O conceito foi outrora utilizado no estudo mais estrito de rituais, principalmente os rituais da transição, e foi introduzido, há quase um século, pelo erudito belga Gennep (1909) no seu livro clássico *Les Rites de Passages*. A “liminality” referia-se à fase intermediária das três fases que Gennep distingue em todos “os ritos de passagem”. As fases são: 1) separação, (2) margem (ou limen, significando 'limiar' em latim) (transição), e, (3) reagregação (reintegração). Especialmente com os ritos de iniciação (transição) (p. ex., iniciação do menino a homem, matrimônio ou morte), essas fases podem ser distinguidas claramente. Na fase da transformação, a pessoa não pertence à sociedade e não é membro da estrutura diária normal.

Cada um é localizado em um tempo e espaço que não tem nenhuma definição social. A identidade da pessoa ou grupo é pouco nítida. Uma posição tão “liminal” oferece uma possibilidade de reflexão e crítica, mas também de idealização, igualdade e camaradagem intensa. Este 'estado de ser' ou 'qualidade da relação' é o que Turner (1969) chama “*communitas*”. É na “liminality” que o “*communitas*” emerge. Turner (1974a, p. 231) vê a estrutura social como o oposto de “*communitas*”, já que “*communitas*” existe fora do tempo estruturado. O autor define “liminality” como “potencialmente e em princípio uma região gratuita e experimental da cultura, uma região onde não só os novos elementos, mas também as novas regras de combinação podem ser introduzidas”. (TURNER, 1982, p. 28).

Na liminality, os novos modos de atuar, as novas combinações dos símbolos, são provados, para ser descartados ou aceitos. A essência do ritual é a multidimensionalidade, multivocalidade" dos seus símbolos (TURNER, 1977, p. 40). “... na liminality as pessoas 'jogam' com os elementos do familiar e os desfamiliarizam. (TURNER, 1974b, p. 60).

A teoria simbólica comparativa de Turner dos fenômenos de ritual, “liminality” e fenômenos “liminal/liminoid” em sociedades modernas (tal como derivado da sua teoria em sociedades tribais) associa-se a cinco conceitos: trabalho, lazer, jogo, fluxo, e “*communitas*”. Neste texto, estes conceitos não serão trabalhados de uma maneira sistemática (TURNER,

1974b; 1977), contudo, algumas palavras sobre esses conceitos se fazem necessárias. Trabalho e lazer, embora complexos, podem ser vistos com (como) termos de sentido muito claro e não precisam de nenhuma explanação adicional para os argumentos que eu quero desenvolver neste trabalho. No entanto, vale à pena mencionar que Turner afirma, mais de uma vez, que é dentro do lazer, em sociedades modernas, que podemos encontrar a “liminality”. (TURNER, 1977, p. 42).

O terceiro conceito de jogo é um conceito central aqui, e pode ser definido como a capacidade para negociar simultaneamente e subjuntivamente com mais de uma classificação da realidade. (DROOGERS, 1994, p. 31) Nos trabalhos posteriores de Turner, ele vê o jogo como a essência da “liminality”. (ibidem, p. 31-32) Também poderíamos dizer que o jogo de “liminal/liminoid”, dessa maneira, pode ser definido como a interação que se realiza dentro de um espaço da transformação. Assim, o jogo é a comunicação real que acumula a modificação sócio-cultural e outra mudança e movimento.

O quarto conceito, de fluxo, diferencia-se completamente do seu uso nos estudos de comunicação internacional (MOWLANA, 1997) ou estudos antropológicos transculturais contemporâneos (APPADURAI, 1996; HANNERZ, 1992, 1996). Nesses campos do estudo, o conceito refere-se a um fluxo de capital, mercadorias, pessoas ou ideias. Em vez disso, o Turner usa o conceito do fluxo, seguindo seu colega Mihali Csikszentmihalyi, como “um estado da experiência”. Esta “experiência de fluxo” tem as seguintes qualidades: a fusão de ação e consciência, a centralização da atenção em um campo de estímulo limitado, uma perda do ego; o controle de ações e do ambiente; contém exigências coerentes e não-contraditórias da ação, e, ela é *autolectic*, ou seja, não precisa de nenhum objetivo fora de si.

É no conceito de “liminality” que se podem encontrar essas qualidades de fluxo. O “communitas”, o conceito final, tem sido discutido e está mais estritamente relacionado ao ritual, e, como tal, representa um dos conceitos centrais mais adiantados de Turner em seu estudo do “liminality”. (TURNER, 1969). Pode ser encontrado na situação temporária sem estrutura social e é caracterizado por relações individuais de igualdade. Um dos seus argumentos centrais quanto a esses cinco conceitos é que em sociedades modernas, trabalho e jogo ficaram separados, ao passo que em sociedades 'tribais' eles permaneceram unidos. Seu trabalho posterior sobre atuação segue em consonância com o acima exposto. Por exemplo, o teatro (como forma de representação). Turner considera-o como um momento de reflexão no fluxo da vida diária. (BOUDEWIJNSE, 1994).

Ao invés de concentrar-nos na complexa e multinterpretável teoria geral de Turner, o foco aqui estará nas minhas interpretações dos problemas específicos dos fenômenos e das chamadas zonas de cultura “liminal e liminoid”. Turner (1977) utiliza o conceito de “liminoid” em lugar de “liminal” quando se refere ao que chama de sociedades 'pós-tribais' no nosso jargão atual chamaríamos essas sociedades 'modernas'. Em minha opinião, o “liminoid” também pode ser um termo aplicável a sociedades 'pós-modernas'. De fato, podemos criticar e duvidar da total distinção evolutiva entre sociedades 'tribais', 'modernas' e 'pós-modernas'. De qualquer maneira, segundo o Turner, o conceito de “liminoid” é mais atualizado do que o conceito de “liminal”. Turner (1977) utilizou “liminoid” por analogia com ovóide, 'parecido a um ovo' e asteróide,[2] "em forma de estrela". (TURNER, p. 43). Deste modo, “liminoid” significa “limen” - palavra latina para limiar. É consanguíneo a, ou como o ritualmente “liminal”, mas não idêntico a ele. Entre outras diferenças entre fenômenos “liminal” e fenômenos “liminoid”, o autor descreve como se segue:

Fenômenos “liminal” tendem a ser coletivos, vinculados a calendários, ciclos e ritmos meteorológicos, biológicos ou sócio-estruturais, ou com crises em processos sociais se esses resultam de ajustes internos, adaptações externas, ou desastres inesperados (terremotos, invasões, epidemias, e outros). Assim eles aparecem, no que pode ser possivelmente chamado de 'rupturas naturais', no fluxo de processos socioculturais naturais. Os fenômenos “liminoid”, por outro lado, podem ser coletivos (carnavais, espetáculos, eventos esportivos importantes, espetáculos folclóricos, teatro nacional, e assim por diante), e como tais, muitas vezes são diretamente derivados de antecedentes “liminal” tribais, mas são caracteristicamente produzidos e consumidos por indivíduos denominados conhecidos, embora eles possam, naturalmente, apresentar efeitos do coletivo ou "massa". Eles não são cíclicos, mas que geram continuamente, embora em tempos e lugares retirados dos cenários de trabalho na esfera do 'lazer'. (TURNER, 1977, p. 43).

Os fenômenos de “liminal” também estão centralmente integrados no processo social total, formando com todos os outros aspectos uma entidade completa,

De outro lado, fenômenos “liminoid” desenvolvem-se externamente aos processos econômicos e políticos centrais, ao longo das suas margens, nas suas interfaces, nas suas 'dimensões tácitas (embora, depois, as ideias e as imagens liminoid possam penetrar dessas periferias e bordas ao centro). “Elas são também, em contraste com fenômenos liminal, plurais, fragmentárias e experimentais”. (TORNEIRO, 1977, p. 44).

Por outro lado, de acordo com Turner, “liminoid” fenômenos tendem a ser mais idiossincráticos e estranhos, enquanto os fenômenos “liminal” tendem a ter uma significação eficaz mais ampla, intelectual e emocional comum a todos os membros da comunidade (ibidem, p.45). Na Figura 1, encontramos a minha interpretação das principais diferenças entre o “liminal” e o “liminoid”. (TURNER, 1974b; TURNER, 1979, p. 11-59)

Figura 1. As principais diferenças entre liminal (fenômenos) e liminoid (fenômenos)

LIMINAL (fenômenos)	LIMINOID (fenômenos)
Quais são as características centrais	
A produção e o consumo são rítmicos, cíclicos e baseados no calendário	A produção e o consumo são característicos e gerados continuamente
Integrado centralmente nos processos sociais totais	Integrado ao longo das margens de processos sociais totais
Significado intelectual e emocional comum	Significado idiossincrático e sutil
Relativamente estável e repetitivo [reversivo (críticas)]	Movimento e mudança [subversivos (críticas radicais)]
Singular, unidos (como um todo completo)	Plural, fragmentado e experimental
Obrigação	Opção
Quais são as algumas das características derivadas ou relativas?	
Mistura de trabalho e de jogo	Separação (estrita) de trabalho e de jogo
Onde pode ser encontrado? (interpretação dos escritos de Turner)	
Pode ser encontrado em sociedades tradicionais, tribais (não exclusivamente)	Pode ser encontrado em sociedades pós- tribais, modernas e pós-modernas (não exclusivamente)
Pode ser encontrado no ritual tribal (não exclusivamente)	Pode ser encontrado no lazer moderno (não exclusivamente)

Turner (1977, p. 45) também fazia referências às “zonas de cultura liminal e liminoid”. Cada um pode de fato, como mencionado anteriormente, questionar o esquema evolutivo de Turner no desenvolvimento de sociedades 'de tribal' 'a moderna', e de fato, o autor reconhece que os fenômenos “liminal” e os fenômenos “liminoid” podem coexistir em todas as sociedades. Ele realça que podemos testemunhar um processo evolutivo em sociedades

complexas de hoje do “liminal” ao “liminoid”, mas os exemplos de zonas de cultura “liminal” ainda podem ser encontrados na nossa sociedade pós-moderna contemporânea. Os exemplos de zonas “liminal” podem ser, por exemplo, encontrados em: trotes para os universitários ingressantes, cerimônias de funeral, matrimônios, nascimentos infantis, assim como em outros fenômenos mais cotidianos da vida diária, como ir ao supermercado, assistir televisão, pegar o transporte público.

Esses ritos não são, naturalmente, nenhum 'rito de passagem' na acepção de original, mas eles realmente contêm elementos “liminal”. Embora eles pertençam ao (pós)moderno, eles são, por exemplo, cíclicos e rítmicos. Eles estão integrados centralmente nos processos sociais totais. São claros, dominantes, e referem-se à significação emocional e intelectual comum. Cada um pode chamar esses fenômenos 'rituais da vida diária ou tratá-los como 'liminality da vida diária'. Além dessas zonas de “liminal”, podemos encontrar exemplos concretos de zonas de cultura “liminoid” na sociedade contemporânea na esfera 'fora da vida diária'. Os exemplos concretos de zonas e fenômenos “liminoid” são, por exemplo: (visitar) lugares turísticos, (estar em) aeroportos, (estar em) parques temáticos, (estar em) festivais de música, (estar em) um teatro, (estar em) férias. Essas zonas podem ser encontradas fora dos processos sociais 'regulares' e, em sua maioria, são encontrados no tempo de lazer.

O conceito de “liminality” de Turner pode ser aplicado a todos os tipos de espaços (públicos). O próprio Turner distingue entre o espaço social diário e o espaço “liminal”, mas apresenta-os resumidamente sem definir com clareza o que ele inclui ou exclui nos dois espaços (ibidem, p. 96). A minha interpretação da distinção que ele faz é que o espaço social diário, por definição, não tem nenhuma qualidade “liminal/oid”. Isto significa que o espaço social diário, na percepção de Turner, não fica sobreposto completamente com a definição de sentido comum de diário ou de vida diária. A vida diária realmente inclui estar em espaços “liminal/oid”. Conforme vimos anteriormente. O espaço social diário, percebido deste modo, inclui o trabalho. De outro lado, o espaço “liminal/oid”, inclui jogo e lazer. De fato, a minha interpretação seria que os espaços “liminal”, na nossa sociedade pós-moderna atual, devem ser encontrados na realização de atividades rotineiras da vida diária (rituais de vida diários). Os espaços “liminoid”, de outro lado, podem ser encontrados na “liminality” fora da vida diária. Eles são gerados continuamente, significando, que eles estão sempre lá e disponíveis e, portanto, opcionais.

Espaços de liminal/oid de comunicação intercultural e conceitos relacionados

Deixemos de lado os espaços “liminal”, por um momento - já voltaremos a ele –, o foco estará agora nos espaços “liminoid”, interculturais específicos, dirigindo-os em um contexto global-local. O marco conceptual de Turner pode ser um instrumental analítico interessante para o estudo de todos os tipos de espaços da comunicação, especialmente para espaços onde as culturas se encontram (espaços interculturais de comunicação). Esses espaços de contato intercultural são caracterizados por um estado de “liminality”. Nesses espaços (“liminal”, bem como “liminoid”), encontramos-nos entre culturas intermediárias, entre níveis sociais intermediários nos limites do global ao local.

Cada um é intermediário de tempos e intermediário entre outros lugares, espaços, esferas e zonas. Esses espaços de “liminality” são, em si mesmo, cenários de interações culturais entre imagens, símbolos, arquitetura, desenhos, roupas, pessoas, ideias, ideologias, poderes. São espaços de comunicação intercultural ou zonas transculturais. Nessas zonas, podemos encontrar tanto o aqui e o ali, o passado e presente, o global e o local. Estes espaços de comunicação interculturais “liminal e liminoid”, de fato, incorporam aspectos de mais de uma identidade única.

Isto é o que converte as identidades em fragmentadas (SERVAES, 1997) nos sentidos intercultural e global-local. Uma identidade intercultural, então, é construída na comunicação entre os fragmentos (formas/elementos culturais) para ser encontrada dentro dessas zonas de “liminality”. Diversidade vivida é a comunicação intercultural. Em relação à “communitas”, as características “liminal” derivadas desses tipos de espaços de comunicação intercultural não tem, necessariamente, de fortalecer as questões como a coerência, os laços de comunidade e solidariedade, como afirmava originalmente o conceito de “liminality tribal”, de Turner. Contudo, ele realmente fornece um espaço para o diálogo e a crítica, que é mais característico do “liminoid” do que do “liminal”. As formas/elementos culturais fragmentadas (global e local) dos espaços “liminal e liminoid” relacionam-se com identidades individuais e coletivas, localizantes[3] e globalizantes. A comunicação intercultural forma a base das identidades globalizantes e localizantes. (LIE; SERVAES, 2000).

A teoria presume que as pessoas estão buscando estabilidade (social) e um equilíbrio da oposição binária estranheza versus familiaridade. As zonas “liminoid”, caracterizadas pela existência cultural, negociação cultural e a transformação cultural entre

o global e o local, fornecem uma sensação de alienação. Esta ideia da alienação foi trabalhada por muitos autores, que utilizando os mais variados conceitos. Por isso, primeiro vamos examinar alguns desses conceitos associados e tentar relacioná-los ao conceito de “espaços liminal/oid de comunicação intercultural”. Contudo, tais conceitos serão apenas resumidamente discutidos, pois outros autores fizeram isto de forma detalhada (TOMLINSON, 1999). De certo modo, esses novos conceitos substituem antigos conceitos, como aculturação (a imitação de modelos culturais dominantes), assimilação, integração, adaptação e interculturação.

Zonas de contato em viagens e turismo

Em primeiro lugar, não há a ideia de ‘zonas contactos’ como desenvolvidas no âmbito do estudo de Viagens e Turismo (CLIFFORD, 1992, 1997; DAHLES, 1996). A essência da viagem e do Turismo é que eles des-localizam pessoas por certo período de tempo. A des-localização é de natureza temporária. Clifford (1992, p. 110) também sugere usar o conceito de “peregrinação”— também utilizado e estudado por Victor Turner — que conota “itinerantes culturas”. Ele prefere peregrinação, porque tem um viés com menos conotação de classe e gênero do que viagem. Além disso, o termo tem uma boa forma de subverter a oposição constitutiva: viajante/turista. Objeções à parte, ele acrescenta que as suas significações 'sagradas' tendem a predominar. Além disso, sobre viagens e zonas de contato, Pratt (1992), em seu livro sobre a literatura de viagens e expansão europeia, define 'zonas de contato' no contexto de encontros coloniais como se segue:

O espaço no qual os povos geográfica e historicamente separados entram em contato um com outro e estabelecem relações contínuas, geralmente implicando condições da coerção, desigualdade radical e conflito intratável. Empresto o termo 'contato' aqui do seu uso na linguística, onde o termo língua de contato se refere a línguas improvisadas que se desenvolvem entre falantes de línguas nativas diferentes que têm de comunicar um com outro constantemente, normalmente no contato do comércio. Tais línguas começam como pidgins[4], e são chamadas crioulas quando passam a ter falantes nativos do seu próprio. (...) A ‘zona de contato’ é uma tentativa de invocar a co-presença espacial e temporal de sujeitos anteriormente separados por disjunções geográficas e históricas, e cujas trajetórias agora se cruzam. (PRATT, 1992, p. 6-7).

As ideias de “zonas de contato”, como desenvolvidas por Pratt (1992), concernem a espaços que não são geograficamente fixados. Eles não mantêm uma relação de vínculo com o lugar. Característica da preocupação de Clifford (1992) com viagens é que ele enfatiza o movimento nos estudos antropológicos desde um trabalho de campo etnográfico geograficamente limitado para trabalho de 'Campo' de não- locais e culturas de viagem. O fato de que culturas se movem significa que já não são encontradas como ‘entidades primitivas isoladas’. "A ‘cultura’ antropológica não é mais como costumava ser... precisamos nos concentrar tanto em experiências híbridas, cosmopolitas, como sobre aquelas enraizadas e nativas". (CLIFFORD, 1992, p. 101). Clifford (1992) prossegue afirmando que o “*chronotope*”[5] da cultura vem assemelhar-se muito a um lugar da viagem encontrado como a uma residência. Raízes e rotas sempre coexistem. Os espaços de “liminoid” aqui, na verdade são abordados como ‘lugares de encontros de viagem’, mas não como lugares de residência. Além disso, embora concordemos com a circulação local ao espaço, os espaços de “liminoid”, que estudamos aqui, também têm limites geográficos definidos. No entanto, podemos encontrar a ideia de viagem nesses espaços. Tanto quanto a ideia de transculturação, espaços “liminoid” não são encarados como espaços locais que adotam elementos externos de culturas alheias.

A maioria desses próprios espaços “liminoid” locais compõe-se desses assim chamados elementos estrangeiros (globais). Eles são um “*mélange*”[6] cultural e uma mistura de formas interculturais nas suas raízes. Uma localidade cultural autêntica não existe, e nunca existiu. Os lugares, muitas vezes, são construídos de um modo intercultural, sem reconhecimento histórico e consideração de posições específicas (por exemplo aeroportos, parques temáticos, shopping centers, complexos de cinema, hotéis, as estações de serviço, as zonas industriais, porto). Estes espaços não são estáticos e realmente desenvolvem-se. A partir da base intercultural fundadora, as formas culturais/elementos negociam em direção a uma forma híbrida aceita mutuamente (ver mais adiante).

Migração, diáspora, deslocamento e multiculturalismo

Outro campo de estudos relacionado com o contato intercultural e a mistura de culturas é o campo da migração. A migração implica em um período maior de tempo em que os conceitos de viagem e turismo tratados anteriormente. Migração também diz respeito a

uma solução mais permanente de pessoas em outro espaço cultural. Pode-se falar aqui de residência alterada. Muitos termos são associados com a migração, como refugiados, expatriados, trabalhadores temporários, comunidades exiladas e ultramarinas etc. Além disso, um dos conceitos principais que se associou cada vez mais com a migração nos últimos anos é diáspora. O conceito recebeu grande atenção em diversas disciplinas como a volta para o estudo da etnicidade. Safran (apud CLIFFORD, 1997, p. 284) define diáspora do seguinte modo:

Comunidades de minoria expatriada (1) que são dispersos 'de um centro' original a pelo menos dois lugares 'periféricos'; (2) que mantêm 'uma memória, a visão, ou o mito sobre a sua pátria original'; (3) que 'acreditam que eles não são — e possivelmente não podem ser aceitos pelo seu país anfitrião'; (4) que vêem a casa ancestral como um lugar do regresso eventual, quando chegar o momento apropriado; (5) que adquirem um compromisso com a manutenção ou restauração desta pátria; e (6) cuja consciência e a solidariedade como um grupo são 'importantemente definidas' por esta relação de continuação com a pátria". (SAFRAN apud CLIFFORD, 1997, p. 284).

O que parece falhar na definição de Safran (1997, p. 285) é que as diásporas não são sempre orientadas às suas raízes em um lugar específico. Eles cada vez mais recriam uma cultura em novas localizações. “Assim, o termo diáspora é um significante, não simplesmente de transnacionalidade e movimento, mas de lutas políticas para definir o local, como distintivo da comunidade, em contextos históricos de deslocamentos”. (CLIFFORD, 1997, p. 287). Então, o conceito de deslocamento em si, (e também deslocalização), está intrinsecamente ligado à migração e diáspora. O próprio Clifford (1988) já explorou os aspectos do conceito, em seu livro "O dilema da Cultura". Deslocamento denota a perda do enraizamento na terra e da deslocalização de cultura baseada no lugar[7]. Refere-se a uma separação do lugar e da cultura. Finalmente, no contexto discutido acima também se deve mencionar o conceito de multiculturalismo. O multiculturalismo, o cosmopolitismo (GIDDENS, 1998, p. 129), e a relacionada sociedade multicultural ideal ou nações cosmopolitas, são as metas sociais pragmáticas, resultantes dos discursos dos deslocamentos. O multiculturalismo é principalmente utilizado dentro de um discurso nacional.

A relação desses conceitos sociais pragmáticos às ideias desenvolvidas em espaços liminal/oid é marginal, embora, certamente não completamente inaplicável. Os conceitos discutidos parecem centralizados em pessoas e não em espaços, o que explica a sua

marginalidade para a discussão aqui. Em vez de 'deslocamento', eu preferiria, portanto, termos como desencaixe[8] ou deslocalização. Esses conceitos são menos intrincados com o discurso de migração, diáspora e gente em movimento. Giddens (1990, p.53) define desencaixe como “distanciamento” da atividade social de contextos localizados, reorganizando relações sociais através de grandes distâncias no espaço-tempo. Outro aspecto digno de referência resulta da não-residência de espaços “liminal/oid”. Embora os espaços “liminal/oid” possam ser geograficamente definidos e limitados, eles são principalmente constituídos por comunicação e interações, não pela residência. Ninguém vive em um parque temático ou em um aeroporto. Mas os lugares realmente relacionam-se ao discurso do deslocamento e multiculturalismo ao longo do tema da comunicação intercultural. O que é, por exemplo, importante na discussão dos espaços de comunicação “liminal/oid” é a noção da igualdade (no multiculturalismo), a permissão social e a aceitação da diversidade.

Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização

Os conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização dizem respeito à relação entre a terra, lugares, zonas, espaços, em certos locais, e viver experiências culturais, em suma, cultura. O uso desses conceitos é diverso. Os termos são usados para fenômenos (ideias, objetos) bem como para deslocamentos de grupos étnicos (pessoas), como os turcos em Berlim, os gregos em Melbourne. A territorialização implica uma ligação estreita entre a terra e a cultura. Um exemplo muito marcante é o caso dos aborígenes australianos, que têm uma intrínseca (histórica) conexão com sua terra. Em geral, o conceito refere-se à cultura territorializada, o que significa que existe um vínculo entre cultura e localização. Quando esta cultura é separada de sua localização original é comum falar em desterritorialização.

Muitos são os exemplos desses processos de desterritorialização e podem ser encontrados em todos os cantos do mundo. Um exemplo é o protótipo do McDonald's em Moscou, o que, de acordo com Short e Kim (1999, p. 78), pode ser entendido como um pedaço da cultura americana desterritorializada, em uma cidade pós-socialista. Tomlinson (1999, p.106-149) também explora aspectos da desterritorialização. Entre outras coisas, ele observa que uma das questões mundanas de uma experiência de desterritorialização

é "o deslocamento da localidade" (Tomlinson, 1999, p. 119), e afirma que "uma característica central da desterritorialização é o enfraquecimento ou dissolução da ligação entre a cultura vivida no cotidiano e a localização territorial". (TOMLINSON, 1999, p. 128).

Finalmente, reterritorialização deve ser entendida em relação à territorialização e desterritorialização. O conceito só recentemente foi introduzido. Reterritorialização tem a ver com aquilo que descreveu Clifford - quando se discute diáspora como: um processo de recriação de uma nova cultura em diversas localidades. Mas o conceito inclui não só culturas dos povos, mas também culturas materiais e culturas informativas ou representativas. Short e Kim (1999) descrevem o conceito da seguinte forma:

Estamos propondo um novo conceito de reterritorialização para descrever o processo em que as culturas desterritorializadas tomam suas raízes longe dos seus locais tradicionais e origens. A reterritorialização de uma cultura engloba uma série de processos, variando desde a difusão de sua origem até as fronteiras (espacial, temporal e cultural) e ao estabelecimento de um novo lugar em uma nova forma. Culturas Reterritorializadas não são simplesmente transpostas, elas são transformadas. Os restaurantes McDonald's no Japão estão vendendo o Teriyaki McBurger que é uma tortinha de linguiça em um pão doce com molho teriyaki (McDonald Corporation, 1998). (SHORT; KIM, 1999, p. 78).

Os elementos/formas culturais em espaços "liminal/oid" de fato podem ser vistos como formas culturais desterritorializadas. Mas, no estudo do processo de reterritorialização dessas formas, temos de ter em mente, que o fato das formas culturais serem originalmente desterritorializadas não é sempre relevante para as experiências vividas dos elementos espaciais e o espaço na sua totalidade. Devemos procurar não enfatizar excessivamente este aspecto da reterritorialização das formas culturais. As pessoas, às vezes, desconhecem a situação ou simplesmente não se preocupam. Eles somente vivem. Por exemplo, não todo o mundo sabe que os produtos Ikea não se originam da Suécia, que o café irlandês é uma invenção de um barman de Nova York, que Heineken é um nome de marca, não somente outro nome de cerveja leve e que é holandesa, não uma marca alemã.

O vínculo territorializado entre as novas formas transformadas e a sua forma cultural original (nacional) nem sempre é uma informação oferecida ao público. Em casos de lugares como The Irish Pub, The Italian ice-cream bar, The Greek restaurant e The Cuban Café, podem ser claros, mas, em outros exemplos mencionados e em outros casos, o vínculo nem sempre é observado facilmente. Por exemplo, McDonald's associa-se unicamente ou fundamentalmente com cultura americana? O que está no centro de relevância,

é que a nova forma cultural, o novo espaço cultural em si é importante. O espaço é aqui e agora. Isto, obviamente, não significa que essas formas de cultura são anti-históricas ou sem raízes. Mas elas existem, no aqui e agora, na sua forma pós-moderna vivida. Para concluir, o conceito oferece muitas possibilidades para o analista cultural e se apresenta como uma poderosa ferramenta conceitual para o estudo da comunicação intercultural.

Variações conceituais sobre fronteiras e conceitos Latino-Americanos

Para além da sua utilização na teoria geral da migração, os estudos de conceitos como fronteiras, limites, terras fronteiriças, zonas fronteiriças e também “frentes culturais” (LULL, 1998) e fronteiras são freqüentemente associados com estudos Latino-Americanos. Além disso, a fronteira México – U.S.A. e as cidades fronteiriças Juárez-El Paso (VILA, 1999) e especialmente Tijuana são freqüentemente referidas quando se discute os aspectos obscuros dentro de regiões fronteiriças (CANCLINI, 1995; HANNERZ, 1997; LULL, 1998; VILA, 1999).

É sobretudo a ideia de terras, zonas ou frentes que são de interesse. "... 'terra fronteiriça', ele sugeriu algo intermediário, uma zona de contato, uma área onde as discontinuidades ficam um tanto obscurecidas" (HANNERZ, 1997, p. 540), e

Quais são essas zonas? Elas começam com o corpo (saúde, alimentos). Elas incluem áreas da socialização (educação, religião), consumo (tempo de lazer, mercadorias culturais), expressão (as artes), e comunicação (meios de comunicação). Os questionamentos básicos da sociologia, como etnia, raça, gênero, e sexualidade são analisados em termos de zonas". (LULL, 1998, p. 414).

É também neste contexto que a comparação com a teoria de Turner da “liminality” por vezes tem sido feita. (HANNERZ, 1997, p. 541; HENDERSON, 1995, p. 5).

Mestiçagem, criolização, transculturação e culturas híbridas (hibridez / hibridação) são outros quatro conceitos que são de relevância e são provenientes da América Latina (incluindo o Caribe). A Mestiçagem é um conceito largamente usado na América Latina. Inicialmente, ele se referiu à mistura do espanhol com a herança indígena, mas agora o seu alcance foi ampliado.

O reconhecimento da mestiçagem que constitui América Latina não se refere a algo que aconteceu no passado, mas o que somos hoje. A mestiçagem não é simplesmente um fato racial, mas a explicação da nossa existência, a teia de tempos e lugares, memórias e imaginações que, até agora, foram apropriadamente expressos apenas no nível literário. (BARBERO, 1993, p. 188).

Deste modo, embora ele tenha alargado o seu alcance dentro de América Latina, não se converteu em um conceito anglo-americano ou mesmo global. Permaneceu dentro das fronteiras latino-americanas.

Criolização, transculturação e a hibridez realmente conseguem chegar além das fronteiras latino-americanas como veremos no capítulo seguinte. Embora, originalmente, esses termos também possam ser relacionados com a outra América. A criolização originou-se no Caribe e é descrita por Hofmann (1997) como se segue:

Tendo inicialmente designado - tanto brancos, como negros - nascidos nas colônias americanas, o termo "crioulo" foi posteriormente utilizado para designar as línguas que surgiram no contato entre europeus e africanos, no contexto sociocultural das plantações. Mais tarde, o termo foi ampliado a partir de uma esfera puramente lingüística ao âmbito cultural, referindo-se, como exprimiu o autor jamaicano Brathwaite, a um processo... um "processo cultural percebido e realizado dentro de um continuum de espaço e tempo" (Brathwaite, 1974 p. 4). (...) Inicialmente, criolização realizou-se entre colonizadores ingleses e escravos africanos e foi logo seguido por 'criolizações laterais', quando os funcionários contratados da Ásia começaram a tomar parte em processos de cruzamento cultural'. (HOFMANN, 1997, p. 74).

A Transculturalização também tem uma origem caribenha (cubana). O termo foi cunhado pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz nos anos 1940. "Os etnógrafos usaram este termo para descrever como os grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam de materiais transmitidos para eles por uma cultura dominante ou metropolitana". (PRATT, 1992, p. 6). Finalmente, cultura híbrida é o título do livro bem conhecido de Canclini (1995). Interessante no trabalho de Canclini – assim como no trabalho de Martín-Barbero — é que ele não destaca a mistura de pessoas (p. ex. a identidade de fronteira em Tijuana), mas centra a mistura de todas as espécies de formas culturais, como: cultura de rua, arte, televisão... Em sua pesquisa para o entendimento cultural das formas híbridas, Canclini (ibidem) também estabelece vínculos com os conceitos já mencionados de desterritorialização e reterritorialização. (LULL, 1998; SCHLESINGER; MORRIS, 1997; TOMLINSON, 1999).

Para concluir por agora, muitos dos conceitos latino-americanos parecem ter-se originado de uma mistura racial, e alteraram-se em uma mistura cultural. A relevância destes conceitos para a nossa discussão aqui será abordada após a próxima seção.

Hibridação, criolização, scapes, cosmopolitismo, gêneros difusos, interação cultural...

Há dois artigos básicos que prestam contas da globalização (uso global) dos conceitos de hibridização e criolização. O primeiro é o artigo escrito por Jan Nederveen Pieterse e é intitulado 'Globalização como Hibridização' (1994) e o segundo é o artigo de Ulf Hannerz, 'O Mundo como Criolização' (1987).

Hibridização refere-se a um processo semelhante à criolização. Explorando a definição de Rowe e Schelling (1991, p. 231) de hibridização, definida como "os caminhos pelos quais as formas ficam separadas de práticas existentes e se recombina com novas formas em novas práticas", Nederveen Pieterse utiliza o conceito no sentido de que há um processo global no qual os elementos culturais são mistos em um *mélange* global de culturas. Hannerz (1987) no seu trabalho posterior (1992, 1996) aborda um processo semelhante de mistura cultural, formando "um tráfego intercontinental no significado". (HANNERZ, 1987, p. 547).

A Criolização tem raízes latino-americanas (Caribenhas) (ver anteriormente), mas foi retirada daquele contexto tantas vezes que começou a viver uma vida própria. Uma questão central do estudo dentro da constituição destes conceitos é o fluxo de pessoas, ideias e produtos culturais através das fronteiras. Especialmente o estudo do fluxo transnacional da informação refere-se ao campo da comunicação internacional. Já abordei esses fluxos e processos de hibridização e criolização em outro lugar. (LIE, 1997a, 1997b).

Além disso, na ideia de fluxos globais, Appadurai (1996) acentua as disjunções entre diferentes fluxos da influência cultural. As cinco dimensões diferentes do fluxo cultural global que ele articula são: *ethnoscapes* (paisagens etnográficas), *mediascapes*, (paisagens midiáticas), *technoscapes*, (paisagens tecnológicas), *financescapes*, (paisagens financeiras), *ideoscapes*[9] (paisagens ideológicas)

O sufixo *scape* nos permite apontar para as formas fluidas, irregulares dessas paisagens, formas que caracterizam o capital internacional tão profundamente como os estilos da moda internacional. (...) Assim, estas paisagens são o alicerce de tudo (na proposta de Benedict Anderson), que eu gostaria de chamar de mundos imaginados, isto é, os vários mundos que são constituídos historicamente pela imaginação das pessoas e dos grupos espalhados por todo o globo. (APPADURAI, 1996, p. 33).

Dessa forma, embora o objeto central do estudo seja o fluxo cultural internacional, as (imagens das) paisagens de Appadurai (1996)[10] também parecem ventilar a ideia de zonas, espaços ou esferas. Finalmente, o cosmopolitismo parece ser uma qualidade de seres humanos individuais, muito mais que um processo de grupo ou uma qualidade de grupo. Hannerz (1992, p. 252-255) aborda esse conceito com as seguintes qualidades: (1) com uma vontade de interagir com o Outro, e, (2) ter competência intercultural para se comunicar com o Outro. Diz respeito a uma abertura ao mundo. Também parece ser um conceito bastante elitista e pode ser encontrado em referência às classes sociais mais elevadas que podem pagar para viajar muito. Diplomatas e empresários internacionais são frequentemente protótipos de pessoas cosmopolitas.

Eles são vistos como cidadãos mundiais. O Tomlinson (1999, p. 181-207) tentando ultrapassar a aura de elite do conceito, emprega as possibilidades do conceito de cosmopolitismo no seu capítulo de conclusão de 'Globalização e Cultura'. Dentro do conceito de cosmopolitismo, ele realça as possibilidades para "a várias formas e as fontes de consciência global, de abertura ao mundo, da mobilidade, da hibridez. (TOMLINSON, 1999, p. 205), mas também nos adverte que "nada garante a criação da solidariedade cosmopolita nas incertezas da modernidade global". (TOMLINSON, 1999, p. 207).

Os Gêneros difusos (GEERTZ, 1973), interação cultural, *mélange* cultural, bricolagem culturais, mestiço, pardo, glocalização (Robertson, 1995), o pluralismo, sincretismo, universalismo. Parece estar ficando sem conceitos para denominar o mesmo. Mas, como com os conceitos latino-americanos, o que aqui interessa à nossa discussão é a ideia da mistura cultural por um processo de encontro e negociação. A mistura não é só de culturas intermediárias, mas também no que agora denominamos de global e de local, ou os processos globalização cultural e localização cultural. Além disso, esta mistura cultural muitas vezes realiza-se, como vimos, em esferas com fronteiras, zonas caracterizadas por intermediário, regiões fronteiriças ou, baseados na teoria da liminality de Turner e situado

dentro do campo de estudos de comunicação antropológicos: 'espaços liminal/oid de comunicação intercultural'. A pergunta que permanece é: “O que exatamente acontece dentro desses espaços da comunicação?”

Espaços de comunicação e estados de liminality intercultural

A maior parte desses conceitos que analisam o contato cultural e a fusão dentro de espaços específicos são (1) as aproximações individuais, e, (2) concentram-se em relações entre pessoas e só tangencialmente as relações entre produtos-pessoas e relações de informações-pessoas. Presumo que o segundo ponto não precisa de nenhuma nova explicação. Fica claro que a maioria dos conceitos teoriza principalmente sobre pessoas e não sobre mercadorias, alimentação, informação, ideologias, etc.

No que diz respeito ao primeiro ponto, a maioria teorias / conceitos tratam com a realidade intercultural de deslocamento, desterritorialização, etc., também começam de uma perspectiva individual. Eles teorizam sobre como seres humanos individuais - pertencentes a um grupo cultural/étnico - estão deslocadas ou desterritorializados principalmente através da migração e viagens. Uma aproximação tão individual é naturalmente legítima, mas exclui o valor excedente total.

Em uma aproximação mais coletiva, ou talvez melhor, uma aproximação mais completa — para evitar a oposição do indivíduo contra o coletivo — ao estudo do contato espacial e intercultural, o próprio espaço liminal/oid se converte em sujeito do estudo também, não só a percepção das pessoas do espaço. Portanto, há duas áreas de Estudo a serem abordadas: (a) os próprios espaços de comunicação liminal/oid (a abordagem completa), e (b) estar em tais espaços de comunicação liminal/oid (o enfoque individual ou centrado nas pessoas). Em essência, o estudo completo de um espaço concerne a sua formação espacial.

Que elementos culturais podem ser distinguidos? Como eles negociam dentro do espaço e transformam o próprio espaço? As pessoas nesta aproximação são apenas um dos elementos culturais presentes no local. O estudo individual concerne a um elemento em relação aos outros, neste caso as pessoas. A aproximação centrada nas pessoas preocupa-se com o problemático de estar em tais espaços. Neste sentido, é um estudo interpretativo do espaço.

Dentro de ambos os tipos de estudos dos espaços de comunicação liminal/óid, mas, sobretudo no seio do estudo completo dos elementos culturais, gostaria de distinguir entre diferentes estados de liminality. Para efeitos de análise é feita a distinção entre: (1) o estado de coexistência cultural, (2) o estado da negociação intercultural, e (3) o estado da transformação intercultural em direção à transculturalidade hibridizada.

(1) No primeiro estado, o estado da coexistência cultural, o espaço liminal/oid simplesmente demonstra elementos de culturas diferentes. Esses elementos são apresentados um ao lado de ou outro. O estado é marcado pela co-presença de ilhas culturais um tanto isoladas. Cada um pode indicar uma forma passiva da comunicação entre elementos globais, locais e intermediários, mas não existe uma significativa mudança orientada para interação, nem negociação. A pergunta a ser feita ao analista cultural seria: "que elementos/formas culturais podem ser distinguidos dentro do espaço de comunicação liminal/oid?" Assim, busca-se a comunicação de atores/elementos; sejam estes atores pessoas, mobiliário urbano, outdoor de publicidade, comércios, alimentos, commodities, mensagens multimídia, imagens ou qualquer outro elemento que esteja presente. A idéia aqui é uma base de desterritorialização ou deslocamento. Pouca interação tem lugar entre os distintos elementos culturais desterritorializados. Haveria reterritorialização individual de cada um dos diferentes elementos, porém se produz pouca negociação entre os elementos. Existe uma forma estática da hibridez.

(2) No estado da negociação intercultural, existe alguma forma ativa da interação entre os elementos espaciais. Esta interação pode ser definida como uma negociação em direção a uma forma dinâmica e participativa da hibridez. Existe o movimento no espaço de comunicação em direção ao diálogo, a aceitação e ao respeito mútuo e, assim, aspectos desse movimento podem ser identificados. A pergunta a ser feita ao analista cultural é: "como os diferentes elementos/formas culturais negociam entre si para estabelecer uma forma dinâmica e participativa da hibridez?" A reterritorialização neste estado não é mais individual, mas se torna negociável, é negociável ou já está em um estado de negociação.

(3) No terceiro estado, o estado da transformação intercultural, o próprio espaço está se transformando em um estado de transculturalidade [11] hibridizada. O espaço se transforma em espaço híbrido participativo negociado de formas culturais e elementos. É

um estado de igualdade, talvez até um estado de 'communitas'. No entanto, esta espécie de hibridez transcultural da communitas é caracterizada por diferenças vividas e integradas. Em vez de acentuar semelhanças — que foi o caso da conceitualização original de communitas de Turner, e que foi o caso nas visões tradicionais do conceito da cultura (WELSCH, 1999) —, no estado da Transculturalidade hibridizado, os diferentes elementos culturais foram conhecidos, aceitos, compartilhados e vividos pelos diferentes grupos culturais. A fusão formou uma nova cultura.

No outro extremo, um estado de Transculturalidade homogeneizada é inegociável e, portanto, não-existente. Tal situação implicaria que todos os espaços de comunicação liminal/oid evoluiriam no sentido de um mesmo espaço cultural. Neste caso extremo de Transculturalidade homogeneizada, a experiência vivida de fazer compras nos shopping centers, parques temáticos, supermercados, etc., serão as mesmas em todos os lugares ao redor do mundo. Os programas de televisão serão interpretados ao longo dos mesmos padrões em todos os lugares.

Estar em China Town da cidade de Sydney, não se diferenciaria de estar em China Town da cidade de Londres, Bruxelas ou em Singapura. Tomar um trem na Austrália, na Indonésia ou na Suécia seria uma experiência homogeneizada. Esses casos extremos de Transculturalidade homogeneizada não existem. As pessoas pertencem a diferentes culturas em todo lugar. Neste contexto da diferença entre a formação espacial em si e estar, interpretar ou viver as formações espaciais poderia deixar claro que os elementos de produção podem ter a mesma aparência (as formações espaciais ao redor do mundo mostram características semelhantes), mas os elementos de consumo não se parecem. O consumo varia segundo a diferença cultural.

No estado de Transculturalidade hibridizada é difícil formular a(s) questão(ões) relevante(s) para o analista cultural. A idéia é não só que temos um 'novo' espaço cultural reterritorializado. Nós também temos um 'novo' espaço cultural amplamente conhecido, compartilhado e aceito.

O diálogo intercultural não é mais sentido como sendo 'inter' ou entre culturas. Não há mais 'a nossa' cultura e 'a sua' cultura. Especialmente nas formações espaciais interculturais na alimentação, muitos exemplos podem ser encontrados: A transculturalidade hibridizada na utilização da batata na Europa do Norte (originária da América Latina), o uso do arroz (historicamente associada à Ásia), massas/macarrão (historicamente associados à Itália/China). Outro exemplo é o uso da pimenta preta em muitos pratos (originalmente da Ásia) (ver mais exemplos em <http://www.nmnh.si.edu/garden/history/welcome.html>).

As representações desses exemplos de alimentos podem ser encontradas em formações espaciais geográficas dos mercados e supermercados. Ainda outro exemplo de Transculturalidade hibridizada pode ser encontrado no espaço intercultural de línguas. Crioulo e Pidgin são exemplos óbvios, mas também no uso de muitas outras línguas, as pessoas não buscam a origem etimológica das palavras. Eles apenas as usam para a comunicação. Muitas palavras de idiomas diferentes tornaram-se conhecimentos culturais comuns, sem a carga de conotações culturais históricas.

Estes estados discutidos na liminality cultural (coexistência, negociação e transformação) podem ser fases, em termos cronológicos, mas não têm, necessariamente, de ser. Cada um pode introduzir um estado da negociação sem passar por uma fase significativa da coexistência. De fato, muitos espaços liminoid são construídos em um estado da negociação. Os três estados, também podem ser vistos em continuum, nos limites da não-negociação (coexistência) à negociação ideal (Transculturalidade hibridizada).

Espaços de comunicação intercultural - as chamadas "cidades globais"

Estes diferentes tipos de espaços de comunicação intercultural nos diferentes estados de liminality podem ser encontrados nas chamadas "cidades globais". No domínio dos estudos urbanos o debate sobre as chamadas "cidades globais", foi animado. Em 1997, Smith reiterou a sua definição de 10 anos antes: "cidades globais são caracterizadas como localizações das redes de fluxos de capitais, pessoas e cultura que ligam lugares díspares ao redor do mundo". (SMITH, 1997, p. 55).

Ele continua com a observação que desde a sua definição original o conceito se desenvolveu em uma espécie de descrição econômica de três lugares: Nova York, Londres e o Tóquio, com Los Angeles às vezes também indicada. Essas discussões sobre a definição de "cidades globais" são alimentadas principalmente por razões econômicas. Embora não possa excluir uma determinação econômica, pode-se também optar por uma abordagem mais cultural na definição de "cidades globais". A definição original aberta de Smith, especialmente quanto ao fluxo de pessoas e cultura, parece de mais relevância em um enfoque cultural do que a aproximação fechada econômica. Em uma aproximação cultural, temos de ter em mente que a globalidade de uma cidade não é só dependente do

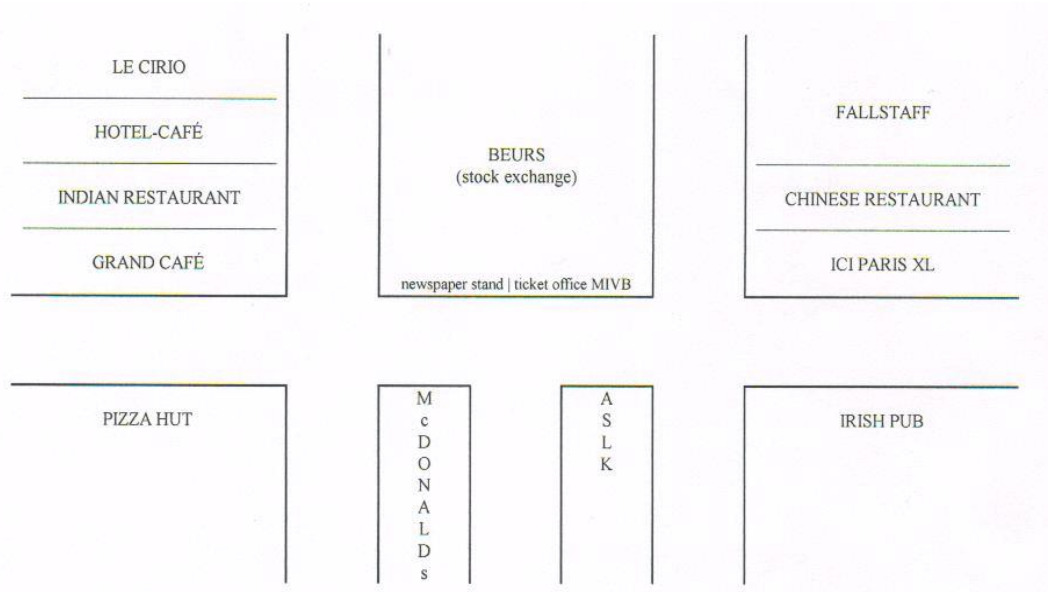
fluxo descendente de pessoas e produtos culturais, mas também depende das interpretações que as pessoas fazem da globalidade, vivendo na chamada 'cidade global'.

Uma cidade global pode ser assim definida pelos seguintes elementos: (a) a presença de um montante considerável de assim chamados 'estrangeiros' (imigrantes, turistas, homens de negócios internacionais, estudantes de intercâmbio internacional...). Neste sentido ele iguala o conceito de 'cidade multicultural'; (b) o fluxo de multicultural cotidiano existente de produtos culturais e publicidade, e (c) o olhar e as tendências para o exterior das pessoas do 'local'.

Após ter abordado brevemente a ideia da "cidade global", deixem-me agora ilustrar divisão coexistência-negociação-transformação, fornecendo dois exemplos geográficos de espaços da comunicação intercultural na 'cidade global' de Bruxelas. O primeiro exemplo está preocupado com uma situação de coexistência e o segundo exemplo com uma situação da negociação.

Exemplo 1. Espaço de comunicação intercultural em um estado de coexistência

As identidades são moldadas dentro dos 'locais', mas dentro desses 'locais', ou a partir de dentro desses 'locais', elas são tanto formadas pelo local (direto, perto) como por fenômenos locais (indireta, 'a distância') (GIDDENS, 1990). Um exemplo de tal espaço da comunicação intercultural em Bruxelas onde você pode encontrar esta articulação de identidade 'variada' é a área Beurs onde o edifício Beurs está diante do edifício Anspachlaan (Het Beursplein). No local é possível encontrar os seguintes elementos culturais primários: Le Cirio (Café), Hotel-café "Matignon", The Indian restaurant "Maharani", Grand Café, Pizza Hut, McDonald's, Hotel Central (não mais em uso; ficou como símbolo de todos 'os cânceres da cidade' e da deterioração geral de Bruxelas; localizado na parte superior do McDonalds), China Town (o chefe de China Town), ASLK (banco), The Irish Pub "O'Reilly's", Ici Paris XL (perfumes sem impostos), The Chinese restaurant "Cité de l'Empereur", Fallstaff (um café Art Nouveau), banca de jornal e revistas, bilheteria MIVB (transporte público).



Cada um destes elementos culturais merece um estudo próprio. Seria interessante estudar a reterritorialização individual dos elementos específicos neste cenário. Em alguns elementos podemos, por exemplo, encontrar as origens nacionais. McDonald's e Pizza Hut podem ser vistos como formas culturais americanas (italiana) reterritorializadas. A territorialização do restaurante chinês e China Town na China, o pub irlandês para a Irlanda, o restaurante indiano para a Índia, a ICI Paris XL e do Grand Café para a França / Bélgica. O Fallstaff e Le Cirio originários da própria Bruxelas.

Por mais interessante que resultassem esses estudos individuais, o fato é que estas formas são, na verdade, formas diferenciadas e a interação entre as formas são limitadas. ICI Paris XL está simplesmente localizado ao lado do restaurante chinês e da Pizza Hut, ao lado do McDonald's. Não existe muita negociação entre os diferentes elementos dentro do espaço em si. Por isso, estar neste espaço é uma experiência local-global, mas os próprios elementos permanecem bastante estáticos um em direção a outro. Isto é exatamente o que se entende pelo estado de coexistência cultural. O espaço em si está localizado em um local estratégico no centro de a cidade e é isso que atrai os elementos para este espaço. Por isso, este espaço liminoid pode ser caracterizado como sendo um estado de coexistência cultural.

Se considerássemos um estudo do espaço centrado nas pessoas, isto é, se nos centrássemos nas interpretações das pessoas que vivem o espaço, a negociação podia ser identificada. Enquanto as pessoas se deslocam de um elemento para outro ou,

simplesmente, passam pelos elementos, na afirmação De Certeau, transformam o lugar em um espaço. Como tal, ele é de fato um lugar do trânsito. Não só porque o Anspachlaan (o eixo sul-norte da cidade) está atravessado diretamente por ele, mas também em um sentido interpretativo global-local. O global e o local são negociados no sentido de que pessoas se encontram e vivem os elementos locais e globais.

Pode-se assistir a uma partida de futebol na televisão britânica no Irish Pub, comprar perfume francês, comer um Big Mac, uma pizza, comida indiana ou chinesa ou a comida local (Flamenca), tais como alimentos Waterzooi (frango, agora também peixe, cozidos em molho cremoso) e Vlaamse karbonades (carne com cebolas cozidos no vapor, geralmente cozidos em cerveja) em Fallstaff e tomar uma bebida local (Bruxelas), como um half half (metade vinho branco e metade de champanhe) ou uma Kriek (cerveja com sabor cereja) no Le Cirio. Exatamente por causa destes aspectos de viagem e de trânsito, o espaço tem, não só qualidades liminoid, mas pode ter qualidades liminal também. Visto que o lugar é usado como um espaço de trânsito diário, não apenas situado nas margens da sociedade, mas também pode integrar-se centralmente.

Poderíamos dizer muito mais sobre este espaço, questões como: E quanto ao local de vida dos trabalhadores? E sobre a língua de comunicação no The Irish Pub? E nos outros lugares? Ou o que dizer de publicidade no outdoor, mobiliário urbano etc.?

Exemplo 2. Espaço de comunicação intercultural em um estado de Negociação

O exemplo do não-doméstico, não-lugar que Tomlinson utiliza para ilustrar os aspectos da 'desterritorialização' é "ir para um complexo de cinemas fora cidade" (TOMLINSON, 1999:118-119). Bruxelas também tem um espaço como este. É chamado de 'Kinopolis', que reconcilia, no lugar, uma experiência de reterritorialização ainda mais estranho do que Tomlinson proporciona. No local não apenas se encontra 'Kinopolis', mas também uma 'Mini-Europa' (um parque com 300 modelos e locais em uma escala de 1:25), 'Océande' (uma piscina sub-tropical coberta e ao ar livre de 6500 metros quadrados) e nos arredores a área comercial da "Village of Bruparck". Nas imediações da 'Village' também podemos encontrar o 'Atomium' (construído para a Feira Mundial de 1958), o estádio de futebol Heizel e as grandes salas de exposição. Tem um hall central com saídas laterais para os vários cinemas. No total, são 25 telas e 7.584 lugares. 'Business class' pode ser

encontrado na 'I-max', que — segundo o seu próprio nome — tem a maior tela da Europa (20 m x 30 m).

É, sobretudo, na 'Village' que se pode falar de um estado de negociação. Toda sua configuração é realmente criada como uma aldeia. Tem uma praça principal e uma rua principal. É esta formação arquitetônica que pretende criar Tönnies com a Gemeinschaft (comunidade) ou Redfield com a folk society (o tipo ideal de localidade e comunidade rurais ou não-urbanas). Embora o local (formação arquitetônica) possa ser associado à Gemeinschaft, o espaço (lugar praticado) parece mostrar aspectos da Gesellschaft, tais como a centralidade de comércio e as ações isoladas, bem como o estado de tensão frente aos outros.

Na 'Village' eles re-constroem aspectos do antigo centro da cidade de Bruxelas, mas também - como o nome já sugere - proporcionar uma experiência de fluxo de um velho "autêntico" (Flamengo/Bruxelas) centro de cidade rural, com o 'tradicional' tijolo vermelho que ornamenta as casas. O que cada um de fato encontra nesta, assim chamada, aldeia é uma variedade global de restaurantes e bares, servindo comida italiana, comida asiática, comida mexicana, comida belga, etc. a Pizza Hut e Quick também estão presentes. Quando estive lá (25 de Julho de 1999), houve também um evento de Cowboy Wild West na praça principal. Incluindo equitação de touro, ordenha de vaca, equitação de pônei, exposição de Chapéus e calças de vaqueiro, de rifle e lançamento de ferradura.

Por que este lugar está em estado de negociação?

1. Ele é um novo espaço construído (inaugurado em 1988). Como Disneyland (GOTTDIENER, 1995 p. 99- 118; O ZUKIN, 1995 p. 49-78) o espaço é projetado para um objetivo específico. O espaço inteiro como tal é construído na negociação para fornecer uma esfera específica de divertimento. Ele é de fato um espaço especialmente feito para o consumo, visual, mas também oral. Além do mais, porém em menor escala, pode-se também comprar joias e pequenos *souvenirs* (de todo o mundo) em ambulantes. Ao contrário dos shoppings, o lugar é principalmente projetado para consumo visual e oral e para divertimento geral. O espaço total se parece com um mercado com muita atividade, onde cada um pode consumir o espaço, as pessoas, a comida e as bebidas. Conclui-se, assim, que a cultura em geral e o global, e o local em particular, também estão projetados na negociação.

2. Resultante do fato de que o lugar é construído, ele também tem muito menos do que a história cultural local do que o lugar do exemplo 1. É um novo espaço e, como tal, fornece mais um terreno neutro para a negociação cultural. A história que se encontra neste espaço é re-inventada.

3. Os elementos culturais que estão presentes interagem uns com outros de um modo mais ativo do que é o caso no exemplo 1. Por exemplo, os outdoors de cervejas locais nos edifícios de tijolo vermelhos não têm as suas formas originais, mas são mais ou menos semelhantes em estilo e cor. Você pode ter um coquetel em um trem autêntico do Orient Express ou cantar o karaokê em um edifício autêntico de Bruxelas. Ao lado da porta de entrada principal do 'Village', as crianças embarcam no "Western Train" com a bandeira belga no topo e você também pode comer pittas e hot dogs em outro 'autêntico' edifício de Bruxelas. O próprio edifício tem a bandeira europeia e um sinal dá as boas-vindas a você com "Aloha".

A ideia do espaço de negociação não necessariamente significa que os elementos culturais se modificam e se desenvolvem em consequência desta negociação. Eles podem permanecer bastante estáticos por longos períodos de tempo. Ainda que em algum momento, o espaço total será considerado como sendo passado, velho e não deste momento. Você pode compará-lo com filmes e séries televisivas de cerca de 20 anos atrás. Se você (re-) vê-los agora, todas as coisas, conversas, mobiliárias e roupas estão fora de moda.

Quando isto acontece a um espaço da comunicação, o espaço tem de encontrar um novo estado de negociação. O que se modificou foram as interpretações de pessoas de um determinado espaço. É a experiência vivida do espaço que se modificou, não o próprio espaço. Deste modo, quando o próprio espaço está em um estado da negociação, isto significa que muitos dos elementos culturais apresentados no lugar se comunicam de um modo ativo, mas estático.

O fato de que o espaço está em um estado de negociação oferece a possibilidade de espécies diferentes de interpretações. Se o espaço estivesse no estado da coexistência, haveria menos possibilidades de interpretações híbridas. Assim, esses tipos de espaços de comunicação liminal/oid construídos conseguem um nível mais elevado do que o espaço de negociação discutido no primeiro exemplo. Também neste exemplo, muito mais pode ser dito sobre o espaço específico. A negociação também pode ser, por exemplo, encontrada dentro da própria Mini Europe, onde cada um pode encontrar a torre Eiffel e a torre da Pisa no mesmo lugar. No exemplo 1, pode-se encontrar também os

elementos próximos um do outro, embora aqui, pela sua redução de altura, os elementos são feitos iguais, o que é uma forma de negociação.

Quando a negociação de fato resulta na verdadeira transformação, cada um pode falar sobre a entrada do estado de transculturalidade hibridizada. Um supermercado se parece com um espaço de transculturalidade hibridizada, como veremos depois quando discuto o supermercado como um no espaço de comunicação intercultural liminal cotidiano. Por hora, basta dizer que transculturalidade hibridizada é mais um estado do que um estado real de interculturalidade vivida.

Além de ter tratado os diferentes estados de liminality, os exemplos acima mencionados também expõem a diversidade de formas culturais que os espaços liminoid podem ter. Na sua diversidade também pressupõe uma diversificada experiência vivida de hibridação. Estas situações híbridas experimentadas significam que as situações em si são temporariamente, e de um modo singular, linear e mono-vocal, indefinida. Elas se modificam pelas experiências vividas e são, por isso, híbridas em ambos, tempo e espaço.

Elas não são globais, não locais, mas intermediárias. Este estado intermediário não é, principalmente, um estado relacionado de escala nacional. Estou buscando outro estado intermediário, diferente do estado baseado em níveis sociais, que vai do global ao local, com o nacional ao meio (LIE, 1997b). A pesquisa aqui concerne um estado diagonal, não se referindo a fluxos verticais (descendentes e ascendentes) de poder, pessoas, mercadorias, ideias e interpretações, e também, não se referindo a níveis horizontais da sociedade, mas, em clara referência a processos diagonais de globalizar e localizar identidades. Esses processos são diagonais, porque eles cruzam processos de fluxos verticais ascendentes e descendentes nos níveis global, nacional e local.

Em longo prazo estas situações liminoid podem, como já sugeriu Turner, integrar-se na totalidade do sistema social e assim são aceitas como pertencentes ao mainstream, que neste caso traduz-se para o non-liminoid. Isto significa que, em seguida, também teríamos conseguido elementos da sociedade multicultural ideal. Mas, diferente da situação atual, não se definem como tal. Isto é porque a situação converteu-se em um espaço de comunicação aceito publicamente. É coerente no lugar de fragmentada. Talvez, em alguns casos, já seja possível falar de um novo estado. Talvez alguns se aplicassem nos exemplos acima. Contudo, a principal coisa é que, consciente ou inconsciente, pela comunicação, a identidade (cultural) realmente se modifica nesses espaços liminoid.

Espaços de Comunicação intercultural liminal/oid e tempos

Até agora, este trabalho preocupou-se essencialmente com a abordagem completa sobre o estudo de espaços de comunicação intercultural. Só em segundo lugar, ele tem se preocupado com o individual, centrado nas pessoas, no estudo da presença em tais espaços de comunicação intercultural. A fim de ser capaz de focar mais na abordagem centrada nas pessoas faz-se necessário introduzir a dicotomia 'vida diária' x vida 'não-diária'¹ e explorar o conceito de tempo em relação ao espaço liminal/oid. No contexto da vida na 'cidade global', cada um pode fazer uma distinção entre experiências liminal da 'vida diária' e experiências liminoid da 'vida não-diária'. As experiências da 'vida diária' são experiências bastante cotidianas com certo caráter repetível ou até ritual. As experiências da vida 'não-diária' têm um caráter muito menos repetitivo e está situada no mundo de não-rotina da vida.

Na aproximação centrada nas pessoas, os espaços liminal/oid também são espaços (anônimos) de consumo. Espaços onde quase ninguém vive, mas onde as pessoas realmente se comunicam e, assim, consomem. O que as pessoas realmente fazem nessas zonas é consumir representações, e este consumo é, em grande parte, consumo visual. O consumo parece ser uma questão-chave no estudo centrado nas pessoas nesse tipo de espaços. (CORRIGAN, 1997; MILLER, 1995; URRY, 1995)

Este consumo do espaço e de elementos espaciais também pode estar relacionado ao tempo. Para fins analíticos, quero distinguir entre três espécies de tempos: tempo de lazer, horário de trabalho, e tempo intermediário².

¹ O conceito utilizado pelo autor é *daily life* e *out-of-daily-life* que no português indica vida cotidiana e fora da vida cotidiana. Contudo, optamos por essa grafia tentando manter-nos o mais próximo do sentido que o autor exprimiu no original.

² (*in-between-time* que pode ser entendido, como: Uma sensação configurada de estranheza e familiaridade que, paradoxalmente, no deslocamento de um lugar para outro, me re-localizavam nalgum espaço que, em palavras de Bhabha poderia ser entendido como a vivência de estar no entre-lugar, entre-meio, entre-tempo. BHABHA, H. K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p.10. IN DUARTE, Pedro Russi. Reflexões (Epistemológicas) na pesquisa: "A diáspora dos uruguaios no cenário do Brasil – uma hetero-auto-experimentação". Rastros - Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação Ano VI - Nº 6 - Outubro 2005, pag. 42. Disponível em: <http://redebonda.cbj.g12.br/ielusc/necom/rastros/rastros06/rastros0604.pdf>. Acesso em 20/10/2008.

Não menosprezamos o trabalho realizado por acadêmicos sobre a relação entre trabalho e lazer, e não subestimamos as diferenças culturais no que diz respeito ao trabalho e lazer, os dois termos, tempo de lazer e tempo de trabalho, são utilizados aqui como bastante diretos e claros. Referem-se à forma como as pessoas comuns definem horários de trabalho e lazer. O tempo intermediário pode ser não-tempo entre o trabalho e o lazer, mas não o é apenas por definição.

Ele é o intervalo de tempo de duas atividades, experiências, sensações ou humores. A característica dessas atividades e experiências é que elas são atividades centradas na vida. Cada um pode comparar esta distinção entre atividades centradas na vida e atividades não centradas na vida com a distinção entre 'questões primárias', (principal ou do próprio centro) contra 'questões laterais (relevância secundária, impropriedade, trivialidade). Por exemplo, o tempo intermediário refere-se ao tempo que se precisa para ir desde o espaço denominado 'casa' ao espaço chamado 'trabalho'. Mesmo dentro do próprio tempo de viagem, podemos indicar um tempo intermediário. Muitas vezes, o tempo de viagem é chamado de tempo real, e o tempo intermediário que é necessário para ir do trabalho à estação de trem e desde a estação de trem à sua casa não está incluído. Saliente-se aqui que esta espécie de tempo intermediário é muito importante no processo de globalização e localização de identidades. É neste 'espaço público' que nos confrontamos com outdoors, publicidade, mobiliário urbano e outros aspectos infra-estruturais, arquitetura global e local, pessoas de outras culturas e o que cada vez mais você encontra ao longo do caminho.

O tempo intermediário não pode apenas ser encontrado na viagem de rotina na vida diária. Também pode ser encontrado em outras áreas. 'Esperar' e 'preparar', por exemplo, associam-se muitas vezes com o tempo intermediário. Além disso, o tempo intermediário pode ser encontrado em todo lugar, no 'trabalho' bem como no 'lazer' e, no que Turner chamou 'jogo'. Já deveria estar claro que 'estar em espaços liminal/oid de comunicação intercultural' se associa muitas vezes diretamente com o tempo intermediário. Embora, novamente, este não o seja por definição. 'Estar' no espaço liminoid também pode ocupar o tempo de lazer.

Para ilustrar as relações complexas entre 'a vida diária', e o 'fora da vida diária', horário de trabalho, tempo de lazer, 'tempo intermediário e espaços liminal/oid da comunicação intercultural, selecionei seis espaços como exemplos adicionais. Três estão situados fora da vida diária e outros três estão situados na vida diária.

Os três espaços de comunicação intercultural fora da vida diária são: lugares turísticos, aeroportos, e ruas (de compras) nos centros de cidade das assim chamadas 'cidades globais'. Os três espaços de comunicação intercultural da vida diários são: transporte público, supermercados; assistir a programas de televisão em casa. Esses exemplos não são exaustivos, mas destinam-se a ilustrar as ideias básicas sobre os espaços de comunicação intercultural e os tempos liminal/oid.

Figura 2. Tempos e espaços de comunicação intercultural liminal/oid

Tempos	Vivendo espaços de comunicação intercultural <i>liminal/oid</i>					
	Fora da vida diária <i>(liminoid primário)</i>			Dentro da vida diária <i>(liminal)</i>		
	Lugares turísticos	Aeroportos	Centro de Compra	Transporte Público	Supermercados	Assistir televisão
Tempo de trabalho						
Tempo de lazer	A		C			G
Tempo intermediário		B	D	E	F	H

Para muitas pessoas, turismo é lazer. Assim, visitar lugares turísticos (A) é uma atividade e uma experiência de tempo de lazer. Estar em aeroportos (B) pode relacionar-se com o turismo, mas não unicamente a ele. Os homens de negócio, congressistas das esferas pública e privada, pessoas que visitam familiares também gastam tempo e consomem espaço no aeroporto. Sendo assim, os aeroportos podem estar situados na esfera do lazer ou na esfera de trabalho. Mas, o tempo gasto no aeroporto é o tempo intermediário. Mesmo sendo mais do que em locais turísticos, estar em aeroportos é uma experiência liminoid. É estar, no mesmo instante, em um espaço de transição e estar em um tempo de trânsito. Você está entre uma área geográfica intermediária a outra, e mais, você está entre diferentes culturas. Estar nas ruas centrais das chamadas 'cidades globais' pode ser um tempo de atividade de lazer (C) mas também pode ser um tempo de atividade intermediária (D).

Quando os habitantes locais experimentam o espaço como um espaço de trânsito a caminho do almoço (tempo de trabalho intermediário), quando eles 'vivem' esse espaço como uma área de compras, ou o usam simplesmente como um espaço para chegar de um espaço (casa) a outro (a casa de um amigo), estão em seus espaços liminoid ocupando um tempo intermediário. O espaço é localmente experimentado pelos habitantes locais de um modo arraigado. Contudo, a mesma área também pode ocupar o tempo de lazer. Isto fica claro quando o espaço liminoid é considerado como um local turístico pelos de fora. Para os turistas, a localidade experimentada é estrangeira. É diferente. Isto é, experimentado principalmente pelos sinais de rua, a mobília urbana, as lojas, mercados de alimentos, a forma como as pessoas andam vestidas, passeiam, olham as suas crianças, etc.

Neste não-lugar podemos falar de uma 'experiência global do local'. Porém, no mesmo local, poderá ser o caso dos habitantes locais. Aqui podemos falar do lazer local e da experiência local do global. A ênfase dada aos elementos locais varia. Neste caso, esta experiência local é principalmente dada pela presença de sinais globais, publicidade global, e talvez até pela sensação de ser cosmopolita nas ruas do centro de uma cidade global. Deste modo, aqui também, ele é o pouco conhecido, o estrangeiro, a internacionalidade, o deslocado, o des-localizado ou a desterritorialização que conforma o aspecto globalizante da identidade. A localidade de um homem é globalidade de outro homem. Outra coisa ainda é notar que neste local da experiência global também pode ser vivido atividades intermediárias, como descritas acima.

Estar na situação liminal de tomar o transporte público (E) relaciona-se, como estar em aeroportos, com viajar. A diferença entre estar em um avião e estar no metrô ou em um trem, é a diferença da experiência da vida diária vs. a experiência do fora da vida diária. Sendo assim, estar em um aeroporto é uma experiência mais liminoid, ao passo que estar no transporte público é mais experiência de liminal. Quando um homem de negócios viaja regularmente por aviões, como um ritual, ela se torna uma experiência liminal. Para muitas pessoas que estão em supermercados (F) é também um ritual da vida diário. Finalmente, ver televisão como um ritual da vida diário pode ser ambos, uma atividade de tempo de lazer (G), bem como uma atividade de tempo intermediário (H). O fato é que se trata de uma experiência de vida diária.

O que segue é uma breve análise descritiva dos exemplos dos seis - acima mencionados - espaços de comunicação na cidade global de Bruxelas. Os três espaços liminal e três espaços liminoid de comunicação intercultural e como eles estão

situados entre o global e o local, servem para ilustrar campos culturais possíveis de estudo, assim como identificar tópicos de estudo. Não é minha intenção apresentar um estudo detalhado desses espaços. A análise discutirá elementos de ambas as espécies de estudos antes mencionados: (a) um estudo completo, acentuando a formação espacial em relação ao global e o local e, b) um estudo centrado em pessoas, enfatizando as interpretações e as experiências vividas pelas pessoas no espaço intercultural.

Espaços de comunicação intercultural liminoid ‘fora da vida diária’ em Bruxelas

- **Lugares turísticos.** ‘*Grote Markt*’, o monumento ‘*Manneken Pis*’, e a área intermediária ‘de *Stoofstraat*’

O turismo como uma indústria e como um fenômeno só recentemente tem atraído a atenção dos cientistas sociais e culturais. O turismo como uma experiência humana liminoid ganhou também interesse na área de estudos culturais, geografia cultural e antropologia cultural. Ser um turista em locais turísticos ou em espetáculos turísticos significa ver uma 'cultura em exibição'. Não é nem familiar, nem distante. Mesmo expondo os, assim chamados, aspectos culturais 'tradicionais' ou 'autênticos', não resulta distante, porque: a) a própria cultura de alguém é utilizada como marco de referência para interpretar o Outro e, b) muitas vezes os assim chamados aspectos culturais 'tradicionais' ou 'autênticos' já incluem uma tradução cultural e por isso não deveriam ser chamados inicialmente de 'tradicional' ou 'autêntico'.

A própria viagem é também uma experiência liminoid e, ademais da distinção realizada por Appadurai entre “'ethnoscapes', 'finanscapes', 'mediascapes', 'technoscapes' e 'ideoscapes'”, Tilley (1997), acrescentaria um ‘travelscape’. O turismo como a maior indústria do planeta, gerando o maior movimento de povos, produz um travelscape global no qual o mundo torna-se um conjunto de localidades que pode ser experimentado. (TILLEY, 1997, p. 74).

A área de “De Grote Markt”, “De Stoofstraat” em “Manneken Pi” no centro de Bruxelas são lugares tão turístico(s) a meio caminho³ entre o global e o local. É um espaço onde muitas culturas se encontram. A ênfase que recai sobre aspectos liminoid deste espaço é sobre o tempo intermediário no 'fora da vida diária' não-ritual. Os turistas são os

³ A expressão usada pelo autor é: “.. in the centre of Brussels is such a touristic site betwixt and between the global and the local”. Por isso, optamos por manter a tradução como “um lugar tão turístico a meio caminho”

principais atores no local. Eles estão des-localizados por um pequeno período de tempo. Importante observar é que eles usam marcos de referência local (nacionais) para identificar e entender o lugar turístico. Uma cultura é usada para enquadrar outra. Esta interpretação é o que faz o lugar global e local ao mesmo tempo. É global ao turista, porque o próprio espaço tem qualidades cosmopolitas.

Com qualidades cosmopolitas penso que o local é esmagador no sentido que ele é um lugar único e bem conhecido no mundo. Além disso, é acompanhado pelo mito que a praça é o centro da Europa. Além disso, "*Manneken Pis*" é, como o ícone de Bruxelas/Bélgica, também conhecido ao redor do mundo. Contudo, esta globalidade é também local. É local porque os turistas usam marcos locais (nacionais) de interpretação e reconhecimento. O turista está situado no espaço global e usa a sua própria localidade cultural para ler o espaço e orientar-se. As entrevistas ⁴mostraram, por exemplo, que os turistas estrangeiros têm muito pouco conhecimento sobre o local específico e sobre Bruxelas e a Bélgica em geral. Alguns, até mesmo, não sabem quais são as línguas oficiais e não têm nenhum conhecimento sobre a história do local. Muitos turistas parecem viver o lugar histórico de um modo não-histórico.

- **Aeroportos.** '*Zaventum International Airport*' (Aeroporto de Bruxelas)

Os aeroportos são construídos em espaços liminoid de comunicação intercultural e podem ser assim encontrados em um estado de negociação intercultural. Eles se parecem com o 'Village de Bruparck' e outros parques temáticos 'recentemente' construídos e sem história cultural local. Eles são, quase, anti-históricos. Os elementos parecem interagir de um novo modo transcultural hibridizado. Morris e Morton (1998), explorando o trabalho de Sudjic (1992) sobre o aeroporto como uma cidade moderna concluem em seu livro sobre localidade, comunidade e nação da seguinte maneira

⁴ Ao longo dos últimos anos, os alunos do curso de métodos de investigação em comunicação do Departamento de Comunicação da Katholieke Universiteit Brussel têm feito treinamentos e realizado entrevistas no local.

O aeroporto internacional é um símbolo de uma série de temas-chave no nosso presente livro: é uma nova localidade no século XX, uma nova forma de centro de assistência, criando novos conjuntos de relações sociais; é uma nova forma de 'cidade' plantada no meio rural. A maioria dos aeroportos internacionais está na periferia das cidades. Eles atraem rotas de comunicação, prestadores de serviços, hotéis e habitação. Se o meio urbano e o mundo rural estão em dois pólos do continuum, o aeroporto obscurece os seus limites; tornou-se uma comunidade de direito próprio, através das pessoas que lá trabalham, constantemente voam, para lá, viajam diariamente; é um bom exemplo de uma comunidade urbana na era da globalização: as suas relações sociais são aprofundadas e estendidas pelos imperativos de uma comunicação internacional. (MORRIS; MORTON, 1998, p. 127).

Está claro que o aeroporto não é um fenômeno novo. O que há de novo no local é a mudança de design e da arquitetura geral, a mudança de interpretações do espaço, porque o aumento da utilização devido a um número maior de viagens, o aumento da comunicação intercultural e o aumento dos encontros daquilo que denominamos agora o global e o local.

O aeroporto internacional de Zaventum e provavelmente todos os aeroportos internacionais parecem ter três espaços distintos da comunicação intercultural em que o global encontra o local: (1) a zona de partida (aberta a todos); (2) a zona de chegada (aberta a todos); e (3) a zona de embarque (aberta apenas aos passageiros). Todas as três zonas parecem ter as suas próprias características. A experiência individual nas Zonas de partida e chegada depende da origem de cada um. Assim também para globalidade e localidade. O que é percebido como nível mundial e o que é percebido como local depende muito em se uma pessoa estiver chegando ou partindo de seu lugar de residência. A terceira zona é interessante, no sentido em que existe pouca cultura local, nacional e territorial.

As lojas exibem principalmente marcas globais, os restaurantes e cafés servem os chamados alimentos e bebidas, as bancas de jornal proveem-no de notícias globais. Seria interessante estudar a intervenção do local aqui. Neste contexto, Doving e Eriksen (1992) escrevem, por exemplo, que “o sabor local nos aeroportos internacionais é menos impressionante do que a uniformidade”. Isto poderia ser verdadeiro para a formação espacial em geral, mas não parece ser verdadeiro para questões culturais como as culturas locais ou macro-regionais que realmente parecem estar presentes. No aeroporto internacional de Zaventum, por exemplo, cada um pode ainda – apesar dos elementos globais – pagar com a moeda local, pode ainda beber cervejas belgas especiais, comer comida belga, comprar lembranças belgas e comprar um jornal local. Podem ainda ver anúncios locais e falar o idioma local, já que os trabalhadores do aeroporto são belgas.

- **Ruas do Centro da cidade nas chamadas “Cidades Globais”. 'De Nieuwstraat'**

Para turistas, caminhar pela 'De Nieuwstraat' é também uma atividade turística liminoid. Contudo, não é um local turístico 'an sich' (em si mesmo). Ele é um espaço onde, os assim chamados, 'nativos' e não- nativos" (turistas e outros estrangeiros) estão andando lado a lado. Para os habitantes locais, e como já referimos quando falamos do tempo, o mesmo espaço pode também ser um espaço liminal. Na situação liminal, a experiência se encontra mais diretamente na vida diária. O mesmo poderia ser dito também para os "Grote Markt" (discutido como um local turístico), mas em menor escala. O simples fato de caminhar pelas ruas centrais das cidades globais é – como em todos os outros espaços de comunicação intercultural – um dos domínios de origem dos processos mundiais de obscurecer as culturas.

O ato de andar a pé, ver e interpretar articula a questão central do consumo através da decodificação das formas de representação (anúncios, vitrines do shopping, as pessoas, mobiliário urbano, edifícios etc.). Como tal, ele articula o processo cultural interpretativo da globalização e localização. Este determinado domínio da origem ao processo de globalização cultural e localização é raramente estudado.

Dentro da cena de rua 'De Nieuwstraat', diferentes formas de representação podem ser identificadas. No entanto, a forma cultural premente, em relação à globalização e localização de identidades neste espaço, além de pessoas, parece ser da publicidade exterior. Por isso, um estudo das cenas de rua, não só estaria preocupada com o consumo, mas também com a representação. A publicidade de rua é um fenômeno pouco estudado, apesar de poder ser visto quase em toda a parte e ser uma grande fonte de informação sobre a vida cultural. Devido ao que se estuda, também é um desses campos que não são sobrecarregados com teorias e metodologias convencionais, tradicionais, mono-disciplinares. Existem alguns precedentes. O campo entra em contato com estudos de consumo, estudos antropológicos, estudos sociais, estudos da geografia humana, estudos da comunicação, estudos culturais e pode utilizar as metodologias específicas dessas disciplinas (observação participativa, análise de conteúdo, análise visual, discurso e semiótica / análise simbólica).

A publicidade exterior é todo material de representação de interesse público e comercial encontrado ao ar livre. Ela não só se refere às formas mais comuns de "outdoors", como, também, às propagandas no transporte público e no aeroporto, na rua (cidade) e no mobiliário urbano (tudo situado na passagem), nos outdoors (incluindo 'prismavision'), na publicidade de pilares e de topo de telhado, mas também os letreiros das lojas que estão presentes em um sentido geográfico.

A publicidade, em geral, e a publicidade exterior, em particular, não pretendo aqui abordar como um auxiliar do marketing. Trata-se, em primeiro lugar, de ser abordada como um fenômeno cultural, um transportador de informações sócio-culturais. A publicidade é constituída por símbolos. Estes símbolos são vistos como vinculados à cultura. A publicidade em geral e a publicidade exterior, em especial, podem ser estudadas em um contexto local-global. Quando isto acontece, nos estudos de publicidade, é comum fazer a distinção entre três abordagens em tal contexto local-global: a aproximação estandardizada, a aproximação localizada, e a aproximação do meio do caminho (DIBB, SIMKIN; YUEN, 1994; TAI, 1997). A primeira pode estar relacionada à globalização cultural, a segunda à localização cultural e a terceira ao que alguns denominaram glocalização. Essas aproximações são gerais à publicidade, mas podem ser especificamente aplicadas à publicidade existente ao ar livre.

- **Espaços de comunicação intercultural liminal ‘da vida diária’ em Bruxelas**
- Transporte público. 'MIVB' (metrô Brussels)

Pegar o metrô de Bruxelas é para muitos habitantes e viajantes uma atividade liminal da vida diária. Ela é liminal porque tem um caráter de ritual central de sociedade e ocupa o tempo intermediário. O seu consumo é para muitas pessoas calendrical, cíclico e rítmico, e é muitas vezes mais uma obrigação do que uma opção. Tomar o metrô de Bruxelas também significa estar em um espaço de comunicação intercultural.

O espaço de metrô é sempre rico em culturas híbridas. Especialmente a diáspora e os turistas, mas também os viajantes habituais fornecem um espaço vivido de multiculturalismo. O espaço de metrô parece ser um *hotch-potch*, ⁵um *'hutspot'*⁶ holandês ou um *'stoemp'* de Bruxelas/Flamengo ou, ainda, com uma conotação semelhante ao *'ratatouille'* francês e o *'ratatouille'* holandês – derivado de *'ratjetoe'*, que significa em português algo como 'um bocado de tudo', mas traduzido literalmente do inglês teremos um *'rato para a sobremesa'*⁷. Isto exprime, adicionalmente, a idéia de *'comer de tudo'*. Os dois últimos, especialmente o derivado holandês *ratjetoe*, são usados muitas vezes para exprimir uma atitude negativa em direção à mistura.

⁵ Uma sopa grossa ou Guisado de legumes, batata e normalmente carne.

⁶ Hutspot é o prato tradicional da Holanda. Stoemp é um prato tradicional Belga. Ratatouille é um prato tradicional em toda França.

⁷ Mantivemos o texto indicado pelo autor, porém, não temos em português uma expressão semelhante. O mais perto do sentido dado no texto seria “comer até pedra”.

Pegar o metrô em Bruxelas é uma experiência multicultural, diaspórica por vários motivos. Em primeiro lugar, é um espaço público onde duas culturas europeias se encontram: a cultura anglo-alemã e a cultura romana. Bruxelas está exatamente situada na linha divisória da cultura europeia do norte e do Sul. Em segundo lugar, principalmente em consequência da história colonial belga, muitas pessoas africanas estão presentes no metrô. Em terceiro lugar, os migrantes vindos da Itália, Turquia, Marrocos e outros locais podem ser encontrados no espaço do metrô. Em quarto lugar, sendo o resultado da presença da União Europeia, pessoas de todos os Estados-Membros da UE podem ser encontradas, especialmente no centro (Centraal Station e 'De Brouckere') e na estação de metrô "Schuman", onde os imóveis da União Europeia estão localizados. Em quinto lugar, podemos encontrar turistas de todo o mundo, especialmente na linha entre o centro da cidade e o Heizel, o Atomium e Bruparck (ver o exemplo 2). Os Asiáticos são apenas um pequeno grupo presente no espaço do metrô. A Bélgica não tem nenhuma história colonial na Ásia e os turistas asiáticos muitas vezes viajam em grupos de ônibus, não pelo metrô. Embora haja pouca interação entre as culturas (estado da coexistência), há interação dentro das culturas. Estar presente no espaço de comunicação intercultural do metrô significa estar entre o global e o local.

Especialmente em referência à presença neste espaço liminal da "vida diária", pode-se na verdade afirmar que a globalização é um processo desigual. O abismo entre os ricos e os pobres na Bélgica e em Bruxelas está crescendo em um ritmo acelerado. Especialmente o bairro do centro da cidade de Bruxelas é uma das mais pobres áreas em toda a Bélgica. O centro é uma área de trabalho, uma área turística, uma área comercial e uma área de lazer (teatros, cinemas...). Apenas em segundo plano, trata-se de uma zona de moradia. Isto se reflete no espaço metrô e valeria a pena um estudo próprio.

Não só o espaço do metrô pode ser visto como um espaço de comunicação intercultural, mas podemos de fato poder dizer que para muitos belgas a capital Bruxelas e o centro da cidade, em particular, é um espaço liminal e liminoid em si mesmo. Para as pessoas que trabalham em Bruxelas, mas vivem em outro lugar, Bruxelas é um espaço liminal. Para as pessoas que não visitam frequentemente Bruxelas, ela é um espaço liminoid.

Em ambos os casos, o global encontra o local de muitas formas diferentes na cidade global de Bruxelas. Não apenas porque para muitos belgas estar em Bruxelas não é uma experiência da vida diária e não apenas por causa da diáspora presente, mas também porque a vizinhança do centro é o centro de uma cidade global, com todas as variáveis "globais"

presentes, tais como: uma mistura de lojas internacionais e locais, publicidade de rua, locais turísticos, mobília urbana, restaurantes estrangeiros e nacionais, um pub irlandês, uma bar mexicano, um café cubano..., também piscinas e mesas de bilhar, casa de apostas em corrida de cavalo, um café onde jogar xadrez...

- **Supermercados.** *'De Colruyt, De Delhaize, De GB and De Cora'*

Muito tem sido escrito sobre shoppings (BACKES, 1997; GOTTDIENER, 1995, p. 81-98), mas pouco sobre supermercados. O shopping é descrito muitas vezes referido como um 'destino turístico' ou "um parque temático' (BACKES, 1997, p. 3). Essas metáforas do shopping conotam a tendência de espaços fora-da-vida-diária, ao passo que o supermercado é mais uma atividade reguladora da vida diária e abrange o consumo diário. O shopping está situado mais no tempo de lazer. O supermercado mais no tempo intermediário. Além disso, nos supermercados, há a intenção de compra, ao passo que esta intenção muitas vezes não ocorre com os visitantes dos shoppings (FISKE, 1989). Backes (1997, p. 3) observa, a este respeito: "assim, parece apropriado para interpretar o shopping não em termos de necessidade, mas sim em termos de lazer e de prazer".

O supermercado é um espaço até mais local do que o metrô, pelo menos no que concerne às pessoas. Elas normalmente vão ao supermercado nos arredores de suas casas. A gama de produtos varia segundo as necessidades e desejos da população local. Especialmente em Bruxelas, onde a população é muito diversa, a variedade de produtos se dá de acordo com o bairro onde está localizado o supermercado. Esta é a forma como o supermercado está ligado ao global e ao local. O global parece ser a oferta da diversidade. Em todos os supermercados podem ser identificados dois grandes tipos de produtos: produtos alimentares e não alimentares.

No que diz respeito aos não-alimentares, quanto mais a sul da Europa viajemos, perceberemos as mudanças de um supermercado "apenas de venda de alimentos' para um estabelecimento de 'alimentação e outros produtos', incluindo a venda de roupas, informática (hardware e software), brinquedos, equipamentos de jardins etc... Como tal, procura integrar a classe média à loja de departamentos. Em Bruxelas é possível encontrar todos os tipos de supermercados.

No estudo das identidades globalizantes e localizadas, estudar alimentos é provavelmente mais interessante do que estudar outros produtos. Por exemplo, muitos supermercados em Bruxelas dispõem de uma seção de alimentos 'estrangeiros', como: uma

seção asiática, uma seção italiana e uma seção americana. Mas para um estudo sobre a Transculturalidade hibridizada seria mais interessante olhar para as seções regulares, e ver que tipos de alimentos são encontrados lá. Por exemplo: massas, pizzas, pão italiano, tacos mexicanos, knäckebröd, ⁸salsichas Frankfurter (cachorros quentes), arroz, cuscuz etc., podem ser encontrados nas seções regulares (ver também Tomlinson, 1999:120-128). A situação global-local nos supermercados parece ser muito mais complexa do que ter só comida estrangeira nas prateleiras do supermercado. Por exemplo, os mesmos tipos de alimentos também diferem de acordo com a localidade. Supermercados de diferentes nações, não só vendem os diferentes tipos de alimentos, mas também ajustam a comida aos gostos locais, a nomes locais e a formas locais de design.

- **Assistir televisão em casa**

'Assistir televisão em casa' está situado na esfera privada, doméstica. Ele se diferencia de todos os outros lugares aqui estudados que estão situados na esfera pública. Seguindo o pensamento de De Certeau, os espaços da comunicação são criados pelo ato interpretativo do consumo de programas televisivos. Um estudo interpretativo da televisão pode estar relacionado com abordagens interpretativas e a 'volta interpretativa geral' nos estudos de meios de comunicação do começo dos anos 90 (CARRAGEE, 1990; EVANS, 1990; SERVAES; FRISSEN, 1997). Discuti isto e relacionei questões como 'etnografia de público' e 'estudos antropológicos sobre a televisão' em outro lugar (LIE, 1997c).

Em um contexto intercultural local-global específico, o estudo 'de televisão' e o estudo 'da casa' são importantes pelas seguintes razões. Em primeiro lugar, muitas vezes diz-se que assistir televisão seja um dos principais domínios de origem da globalização e localização de identidades. A televisão é uma tecnologia poderosa, principalmente consumida em casa. É poderosa, especialmente por causa da sua comunicação audiovisual. Ele nos mostra lugares distantes bem como lugares locais. Ela é a compressão de tempo e nos mantém informados sobre o mundo e assuntos locais. Muitos estudos local-global foram conduzidos pela televisão e outros meios de comunicação de massa e sobre a sociedade da informação global em geral. Ali, o principal foco é a economia política da indústria de mídia global (GOLDING; HARRIS, 1997; MARTIN, 1995; MOWLANA, 1997).

⁸ Pão típico da Suécia.

Estudos sobre mídias alternativas, estudos interpretativos (etnográficos) e estudos na percepção local da televisão 'global' estão disponíveis, em muito menor escala (GILLESPIE, 1995; LIE, 1998; LEWIS, 1993; LULL, 1988; MOORES, 1996). A televisão ainda permanece a janela global.

A casa, por outro lado, é o espaço mais local que se pode imaginar. Voltando ao início deste documento, a “casa” sempre estará lá, pois pertence essencialmente a uma identidade individual. Diferentemente do conceito de “pátria”, não pertence, pelo menos não em primeiro lugar, a uma identidade coletiva. A maior parte do tempo “a casa” se define em relação a uma determinada pessoa. "É onde está a sua família, onde você foi criado? É onde estão sepultados os seus pais? É o lugar onde você saiu, ou onde você está agora? É a casa onde sua mãe vive?" (SARUP, 1996). Diferentes pessoas podem ter as mesmas ideias sobre as suas casas. Eles podem até ter o mesmo lar, mas isso não implicaria sempre que 'a casa' é algo compartilhado coletivamente entre essas pessoas. Você pode definir um grupo de pessoas referindo-se à sua identidade cultural, porém, é raro defini-los pela mesma percepção que tem de sua 'casa'. 'A casa' é o espaço local de onde o global é explorado e trazido de volta.

Conclusão

Muitos estudos mostraram que não podemos continuar mais falando de 'nacional' como sendo o nível mais importante de esboço na construção de identidade. Identidades são localizadas e globalizantes, ao mesmo tempo. Cada vez parecem estar mais e mais constituídas pela sobreposição de fragmentos culturais ocultos, no lugar de uma única referência nacional.

Este texto tem tentado ilustrar algumas dessas mudanças nas identidades, concentrando esforços nos chamados espaços de comunicação intercultural liminal e liminoid. Tendo explorado a idéia de Augé do não-lugar, de lugares marginais e zonas liminais de Shields, e mesmo o mais básico da teoria de Turner sobre a liminality, centramos nossa atenção aos aspectos de comunicação intercultural desses espaços e como esses espaços estão situados no intervalo entre o global e o local. A idéia de espaços de comunicação intercultural liminal/oid entre o global e o local também esteve relacionada a conceitos como: zonas de contato, zonas fronteiriças, deslocamentos, mestiçagem, reterritorialização, hibridização, criolização e outros conceitos.

O estudo, para fins analíticos, dividiu os espaços de comunicação intercultural em três estados liminal/oid de (inter)culturalidade: um estado de coexistência cultural, um estado de negociação intercultural, e um estado de transformação intercultural em direção à transculturalidade hibridizada. Ele explorou os aspectos liminal/oid de globalizar e localizar identidades culturais, nesses espaços das, assim chamadas, 'cidades globais, particularmente em Bruxelas. Sugeriu-se aproximar o estudo dos diferentes estados em dois estudos independentes: acentuação da formação do espaço, e ênfase nas experiências e nas percepções das pessoas do espaço.

Os estados de liminality cultural referem-se principalmente às formações espaciais, que incluem pessoas como um dos elementos do espaço cultural. Uma característica do estado de coexistência é a co-presença de elementos culturais independentes e distintos. O espaço total é multicultural só pelo fato de que elementos culturais diferentes estão presentes. No estado de negociação, os diferentes elementos parecem interagir uns com os outros como uma forma de negociação. A interação (comunicação intercultural), pode ser assim definida como uma negociação em direção a uma forma dinâmica e participativa de hibridez. Estes espaços são, muitas vezes, espaços 'recém construídos' para fins específicos nas áreas de jogo e lazer.

Os espaços são (re)inventados e têm uma história local reconstruída (re-inventada) ou nenhuma história em absoluto. Finalmente, o estado de transculturalidade hibridizada parece ser um estado ideal da mistura cultural. Neste caso, a diferença é celebrada como igualdade. Como ilustração, de alguns desses espaços de contacto intercultural, em Bruxelas foram discutidos, e foram identificados elementos para um estudo mais aprofundado. Os conceitos de 'vida diária' versus 'fora-da-vida-diária', e o 'tempo intermediário' (o tempo gasto entre duas atividades, experiências, sentimentos ou humores) foram introduzidos no intuito de serem capazes de, além disso, continuar a analisar os espaços de comunicação intercultural centrado nas pessoas. Verificou-se que, por estar nos espaços liminal/ óid ocupa, principalmente, os tempos de lazer e 'o tempo intermediário'.

Os três espaços 'fora-da-vida-diária' usados para ilustrar, foram: lugares turísticos, aeroportos, e as ruas do centro da cidade das chamadas "cidades globais". Os três espaços de comunicação intercultural da 'vida diária' foram: o transporte público, supermercados; assistir televisão em casa. Os temas mais flagrantes estudados dentro de um contexto local-global nas respectivas zonas distintas foi: deslocamento de turistas, zonas espaciais, de publicidade exterior, pessoas; os alimentos, e percepções baseadas nas casas.

Um foco específico sobre estes temas poderiam ainda nos direcionar para a compreensão das identidades globalizadas e localizadas modificadas e em modificação. Nos espaços liminal/oid de comunicação intercultural entre o global e o local, os conceitos de ‘em outro lugar’ (SHIELDS, 1997) e ‘proximidade’ (TOMLINSON, 1999) parecem estar conectados de maneira complexa e, por isso, precisam ser mais bem estudados.

Notas

[1] Bruxelas é oficialmente uma cidade bilíngüe. Isto significa que todos os lugares públicos, ruas, o transporte público etc. tem um nome francês e um nome (flamengo) holandês. Onde a referência é feita a estes lugares, simplesmente os nomes (flamengos) holandeses são dados.

[2] No original temos “liminoid by analogy with ovoid, 'egg-like' and asteroid, "star-like".”

[3] Em oposição às identidades totalizantes. Nota do tradutor.

[4] Um discurso simplificado usado para comunicação entre as pessoas com idiomas diferentes. Nota do tradutor.

[5] chronotope, literalmente, 'tempo espaço'. (BAKHTIN, 1981) [6] Frequentemente, uma mistura de elementos incongruentes. [7] O conceito utilizado por Rico é “place-based-culture”.

[8] O conceito utilizado é “disembedding”.

[9] Aqui optamos por paisagens ideológicas no lugar de “paisagens de ideias”, entendendo ideologia, simplesmente, como conjunto de ideias.

[10] “Appurai’s (land)scapes also seem to ventilate the idea of zones, spaces or spheres”. Cabe uma explanação, ainda que longa, sobre o conceito de paisagem: “Paisagem” foi introduzido como termo científico-geográfico no início do século XIX por A. von Humboldt, o grande pioneiro da moderna geobotânica e geografia física. Na língua alemã, o termo paisagem (Landschaft) contém uma conotação geográfico-espacial no prefixo “land”, diferentemente da paisagem com significado de cenário encontrado nas artes e na literatura. Os biogeógrafos europeus viram a paisagem não apenas como uma visão estética (como a maioria dos arquitetos da paisagem), ou como parte do ambiente físico (como a maioria dos geógrafos), mas como uma entidade espacial e visual da totalidade do espaço de vida humano, integrando geosfera, biosfera e noosfera (grego “noos” - mente). NUCCI, João Carlos. Origem e desenvolvimento da ecologia e da ecologia da paisagem.

Revista Eletrônica Geografar, Curitiba, v. 2, n.1, p. 77-99, jan./jun. 2007. Disponível em <<http://www.ser.ufpr.br/geografar>>. Acessado em 25/10/2008. Nota do tradutor.

[11] O prefixo "trans" em "Transculturalidade" é utilizado aqui no sentido em que é utilizado em 'transformação'. Refere-se a uma mudança em formação. Não é utilizado no sentido de "transmissão", como lhe foi aplicada por Marie Louise Pratt (ver antes quando discutido o conceito de "transculturização", onde ela se refere a uma adoção de elementos culturais estrangeiros). Para mais informações sobre o conceito de "Transculturalidade", refiro-me ao Welsch (1999), onde o conceito é discutido em contraste com a "interculturalidade" e "multiculturalismo". A hibridez é naturalmente utilizada em sua 'nova' significação global. Além disso, ele poderia muito bem ser denominado como «Transculturalidade criolizada». «Criolização' e' hibridização 'são vistos como sendo intercambiáveis, porém, historicamente a "criolização" foi estudada com mais profundidade que a hibridização. (ASHCROFT, GRIFFITHS e TIFFIN, 1998).

Referências

- APPADURAI, A. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**, Minneapolis: University of Minnesota Press, p. 27-47, 1996. [reprinted, in revised form from: APPADURAI, A. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Public Culture*, n.2, p. 1-24, 1990.
- ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G. & TIFFIN, H. **Key Concepts in Post-Colonial Studies**, London: Routledge, 1998.
- AUGÉ, M. **Non-places: Introduction to the Anthropology of Supermodernity**, London: Verso, 1995.
- BACKES, N. Reading the Shopping Mall City. **Journal of Popular Culture**, 31(3), p. 1 -17, 1997.
- BAKHTIN, M. Forms of Time and of the Chronotope in the Novel. In **The Dialogic Imagination**. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BHABHA, H.K. **The Location of Culture**, London: Routledge, 1994.
- BOUDEWIJNSE, B. (ed.) De Erfenis van Victor Turner, special issue. **Antropologische Verkenningen**, 13(4), 1994.

- CARRAGEE, K.M. Interpretive Media Study and Interpretive Social Science. **Critical Studies in Mass Communication**, 7(2), p. 81-96, 1990.
- CLIFFORD, J. Museums as Contact Zones. In **Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century**. CLIFFORD, J. (org.). Cambridge: MA: Harvard University Press, 1997.
- CLIFFORD, J. Diaspora. **The Ethnicity Reader**. Nationalism, Multiculturalism and Migration. GUIBERNAU, M. & REX, J. (eds.). Cambridge: Polity Press, p.283-290, 1997.
- CLIFFORD, J. Travelling Cultures. In GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. (eds.), **Cultural Studies**. New York: Routledge, 1992.
- CLIFFORD, J. **The Predicament of Culture; Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art**. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- COHEN, A.P. **The Symbolic Construction of Community**, London: Routledge, 1989, 1985.
- DAHLES, H. Coming to Terms with 'Multiple Narratives'. The Anthropology of Tourism in a Globalizing World. In **Globalization/Localization: Paradoxes of Cultural Identity**, Special Issue Focaal, Tijdschrift voor Antropologie, 30/31, p. 69-74, 1996.
- DE CERTEAU, M. **The Practice of Everyday Life**, Berkeley: University of California Press, 1984.
- DIBB, S., SIMKIN, L. & YUEN, R. Pan-European Advertising: Think Europe – Act Local, **International Journal of Advertising**, 13, p. 125-136, 1994.
- DROOGERS, A. Turner, Spel, en de Verklaring van Religie. In **De Erfenis van Victor Turner**, special issue Antropologische Verkenningen, BOUDEWIJNSE, B. (ed.), 13(4), p. 31-45, 1994.
- ERIKSEN, T.H. & DØVING, R. In **Limbo: Notes on the Culture of Airports**, Paper presented at the Workshop "The Consequences of Globalisation for Social Anthropology", 2nd EASA Conference, Prague, 30 Augustus - 3 September, 1992.
- EVANS, W.A. The Interpretive Turn in Media Research: Innovation, Iteration, or Illusion?. **Critical Studies in Mass Communication**, 7(2), p. 147-168, 1990.
- FISKE, J. Shopping for Pleasure. In **Reading the Popular**, Boston, 1989.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Hybrid Cultures**. Strategies for Entering and Leaving Modernity, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.
- GEERTZ, C. **The Interpretation of Cultures**, New York: Basic Books, 1973.
- GIDDENS, A. **The Third Way**. The Renewal of Social Democracy, Cambridge: Polity Press, 1998.

- GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity**, Cambridge: Polity Press, 1990.
- GILLESPIE, M. **Television, Ethnicity and Cultural Change**, London: Routledge, 1995.
- GOLDING, P. & HARRIS, P. (eds.) **Beyond Cultural Imperialism**. Globalization, Communication and the New International Order, London: Sage, 1997.
- GOTTDIENER, M. **Postmodern Semiotics**. Material Culture and the Forms of Postmodern Life, Oxford: Blackwell, 1995.
- HANNERZ, U. Borders. **International Social Science Journal**, UNESCO, 154, p. 537- 548, 1997. HANNERZ, U. **Transnational Connections**, London: Routledge, 1996.
- HANNERZ, U. **Cultural Complexity**; Studies in the Social Organization of Meaning, New York: Columbia University Press, 1992.
- HANNERZ, U. The World in Creolization. Africa; **Journal of the International African Institute**, 57(4), p. 546-559, 1987.
- HARVEY, D. **The Condition of Postmodernity**. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- HENDERSON, M.G. Introduction: Borders, Boundaries, and Frame(work)s. In **Borders, Boundaries, and Frames. Essays in Cultural Criticism and Cultural Studies**. HENDERSON, M.G. (ed.). London: Routledge, p. 1-30, 1995.
- HOFMANN, S. **Transculturation and Creolization**: Concepts of Caribbean Cultural Theory. In **Latin American Postmodernisms**. YOUNG, R.A. (ed.), Amsterdam: Rodopi, 1997.
- LEWIS, P. (ed.) **Alternative Media: Linking Global and Local, Reports and Papers on Mass Communication**, no. 107, Paris: UNESCO, 1993.
- LIE, R. **Alternatieven in Globalisering, Noord-Zuid Cahier**, 23(3), p. 87-99, 1998.
- LIE, R. What's New about Cultural Globalization?... Linking the Global From Within the Local. In: SERVAES, J. & LIE, R. (eds.), **Media & Politics in Transition. Cultural Identity in the Age of Globalization**, Leuven: ACCO, p. 141-155, 1997a.
- LIE, R. **Levelization and De-Levelization. Researching the Global in the Local in a Participatory Way**: Toward a Qualitative Multi-level Flow Analysis, Culturelink, 22 August 1997, Dossier on Networking in Third World Environments, Zagreb, Croatia: Culturelink/IRMO, Network of Networks for Research and Co-operation in Cultural Development, Institute for Development and International Relations (IRMO), p.131- 148, 1997b.
- LIE, R. Een Antropologische Vluchtroute uit het Mediacentrisme. In **De Interpretatieve Benadering in de Communicatiewetenschap. Theorie, Methodologie en Case-studies**. SERVAES, J. & FRISSEN, V. (eds.). Leuven: ACCO, p. 135-156, 1997c.

LIE, R; SERVAES, J. **Globalization, Consumption and Identity** – Towards Researching Nodal Points. In *The New Communications Landscape. Demystifying Media Globalization*. WANG, G., SERVAES, J. & GOONASEKERA, A. (eds). London: Routledge, p.307-332, 2000.

LULL, J. Hybrids, Fronts, Borders. The Challenge of Cultural Analysis in Mexico. **European Journal of Cultural Studies**, 1(3), p. 403-418, 1998.

LULL, J. (ed.) **World Families Watch Television**, Newbury Park: Sage, 1988. MARTIN, W.J. *The Global Information Society*. Hampshire: Aslib Gower, 1995. MARTÍN-BARBERO, J. **Communication, Culture and Hegemony**; From the Media to Mediations. Newbury Park: Sage, 1993.

MASSEY, D.; JESS, P. (eds.) **A Place in the World?** Places, Cultures and Globalization. Oxford: Oxford University Press, 1995.

McDONALD'S CORPORATION. **McDonald's Around the World**. Disponível em: <<http://www.mcdonalds.com/surftheworld/surf.html>>, 1998. MOORES, S. *Satellite Television in Everyday Life*, John Libbey, 1996.

MORLEY, D. & ROBINS, K. (eds.) **Spaces of Identity**; Global Media, Electronic Landscapes and Cultural Boundaries, London: Routledge, 1995.

MORRIS, A. & MORTON, G. **Locality, Community and Nation**, UK: Hodder & Stoughton, 1998.

MOWLANA, H. **Global Information and World Communication**. *New Frontiers in International Relations*, Second Edition, London: Sage, 1997.

NEDERVEEN PIETERSE, J. **Globalisation as Hybridisation, International Sociology**, 9(2), p. 161-184, 1994.

PRATT, M.L. **Imperial Eyes**: Travel Writing and Transculturalation, London: Routledge, 1992.

ROBERTSON, R. **Glocalization**: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity. In *Global Modernities*, FEATHERSTONE, M., LASH, S. & ROBERTSON, R. (eds.). London: Sage, p. 25-44, 1995.

ROWE, W. & SCHELLING, V. **Memory and Modernity**: Popular Culture in Latin America, London: Verso 1991.

SAFRAN, W. **Diasporas in Modern Societies**: Myths of Homeland and Return, *Diaspora*, 1(1), p. 83-99, 1991.

SARUP, M. **Identity, Culture and the Postmodern World**, Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996. SCHLESINGER, P. & MORRIS, N. *Cultural Boundaries: Identity and Communication in Latin America*, *Media Development*, 1, Disponível em <http://www.wacc.org.uk/media/culture.html>. 1997.

SERVAES, J. **Mass Media and Fragmented Identities**. In: SERVAES, J. & LIE, R.(eds.), *Media & Politics in Transition. Cultural Identity in the Age of Globalization*, Leuven: ACCO, p. 77-88, 1997.

SERVAES, J. & FRISSEN, V. (eds.). **De Interpretatieve Benadering in de Communicatiewetenschap**: Theorie, Methodologie en Case-studies. Leuven: ACCO, 1997.

SHIELDS, R. **Ethnography in the Crowd**: the Body, Sociality and Globalization in Seoul. In *Globalization/Localization: Paradoxes of Cultural Identity*, Special Issue, Focaal, Tijdschrift voor Antropologie, 30/31, p. 7-21, 1997.

SHIELDS, R. **Places on the Margin**. *Alternative Geographies of Modernity*. London: Routledge, 1991.

SHORT, J.R. & KIM, Y.-H. **Globalization and the City**. Essex: Addison Wesley Longman, 1999.

SMITH, M.P. Looking for Globality in Los Angeles, in: CVETKOVICH, A. & KELLNER, D. (eds.), *Articulating the Global and the Local. Globalization and Cultural Studies*, WestviewPress, p. 55-71, 1997.

SUDJIC, D. **The 100 Mile City**, London: Andre Deutsch, 1992.

TAI, S.H.C. **Advertising in Asia**: Localize or Regionalize? *International Journal of Advertising*, 16, p. 48-61, 1997.

TILLEY, C. Performing Culture in the Global Village, **Critique of Anthropology**, 17(1), p. 67-89, 1997.

TOMLINSON, J. **Globalization and Culture**, Cambridge: Polity Press, 1999.

TURNER, V.W. **From Ritual to Theatre**. *The Human Seriousness of Play*, New York: Performing Arts Journal Publications, 1982.

TURNER, V.W. **Process, Performance and Pilgrimage**; A Study in Comparative Symbology, New Delhi: Concept Publishing Company, 1979.

TURNER, V.W. Variations on a Theme of Liminality. In **Secular Ritual**. MOORE, S.F. & MYERHOFF, B.G. (eds.). Assen/Amsterdam: Van Gorcum, p. 36-52, 1977.

TURNER, V.W. **Dramas, Fields, and Metaphors**. *Symbolic Action in Human Society*, Ithaca: Cornell University, 1974a.

TURNER, V.W. **Liminal to Liminoid, in Play, Flow, and Ritual**: An Essay in Comparative Symbology, *Rice University Studies*, 60(3):53-92, 1974b.

TURNER, V.W. **The Ritual Process; Structure and Anti-structure**, Chicago: Aldine Publishing Company, 1969.

URRY, J. **Consuming Places**, London: Routledge, 1995.

VILA, P. **Constructing Social Identities in Transnational Contexts: The Case of the Mexico-US border**, *International Social Science Journal, UNESCO*, 159:75-87, 1999.

WELSCH, W. Transculturality: the Puzzling Form of Cultures Today. In **Spaces of Culture, City, Nation, World**. p.194-213. FEATHERSTONE, M. & LASH, S. (eds.). London: Sage, 1999.

ZUKIN, S. **The Cultures of Cities**, Oxford: Blackwell Publishers, 1995.